

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Autismo

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO QUINZE)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

ABRIL de 2017

ÍNDICE

A Era do Espírito.....	03
O Passe.....	06
As Aves feridas na Terra Voam.....	10
Psiquiatria e Mediunismo.....	12
Transtornos Mentais.....	13
Espiritismo e Criminologia.....	23
Visão Espírita nas Distonias Mentais.....	25
Viver em Plenitude.....	27
Infância e Mediunidade.....	30
Saúde e Espiritismo.....	41
Alquimia da Mente	45

A Era do Espírito

Moacir Costa de Araújo Lima

Define-se clarividência como a faculdade paranormal de perceber visualmente, sem usar o sentido da visão, cenas, imagens, seres, visíveis ou não para os demais.

Naturalmente, em um estudo sério da clarividência sempre se leva em conta a possibilidade de estar ocorrendo alguma alucinação, uma vez que nem sempre a aparência da paranormalidade coincide com sua realidade.

Em laboratório, os clarividentes são testados tentando adivinhar cartas sem as verem. Para excluir a possibilidade de telepatia, o experimentador também não vê as cartas antes da tentativa de adivinhação do sensitivo.

As visões, como dissemos, podem se referir a seres invisíveis para outras pessoas. É o caso em que o clarividente percebe em outras dimensões, *vendo*, via percepção extra-sensorial, o que escapa aos limites da faculdade da visão. É um como-ver.

Vamos a alguns relatos de clarividência, às vezes acompanhada de outras formas de percepção, simultaneamente.

O jornalista Jayme Keunecke, conhecido por todos como *JK*, vivenciou interessantíssima experiência que passamos a relatar.

Era de manhã e *JK* conduzia seu carro, dirigindo-se para o trabalho na Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

De repente, seu carro é violentamente fechado, o que obrigou *JK* a uma forte freada para não bater. Olhando para o carro que o fechara, reconheceu o veículo como sendo de um amigo seu, um português, cujo apelido era *Portuga*. Inclusive pode reconhecer o *Portuga*, ao volante, que seguiu seu rumo como se nada houvesse ocorrido.

Chegando à Assembléia, *JK* encontrou o repórter fotográfico Carlos Contursi e foi logo lhe contando o ocorrido.

“Contursi”, disse *JK*, “o *Portuga* deve estar louco. Ainda há pouco, quando eu vinha para cá, fechou estupidamente o meu carro e quase provocou um acidente”.

“O *Portuga*? Tu tens certeza?” perguntou Contursi

“Claro”, respondeu *JK*. “Eu conheço muito bem o *Portuga* e o carro dele. Não tenho a menor dúvida”!

“Então”, falou Contursi, “quem está ficando louco és tu e não o *Portuga*. Tu não sabes que ele morreu”?

Diante da surpreendente notícia, *JK* teve uma idéia: Foi até a casa onde morava o *Portuga*, conhecia bem a localização, anotou o número da placa da casa e jogou no bicho. Ganhou o que em valores de hoje corresponderia a cerca de dez mil reais.

O que teria acontecido e quantas dimensões teriam intervindo no problema?

Teria o inconsciente de *JK* percebido por premonição que o número sorteado para o primeiro prêmio, na próxima extração da loteria, seria o número da casa de um amigo, número este não lembrado por *JK*, e criado toda a ilusão visual para levá-lo até a casa, anotar e jogar no número? Parece muito sem sentido.

Teria o *Portuga*, vivendo em outra dimensão, condições de saber o número da próxima extração da loteria e de criar toda a trama que contamos, apenas para informar *JK* a respeito?

Possivelmente haveria alguma forma mais simples de fazê-lo.

O interessante é que essa fenomenologia tem por hábito driblar nossa busca de porquês objetivos.

O importante é verificar que houve um fenômeno de clarividência, uma intuição e um resultado positivo.

Nesse sentido, há uma estatística muito interessante realizada nos Estados Unidos. Essa pesquisa mostrou que as pessoas que apostam, no hipódromo, num cassino, ou nas várias espécies de loterias, pensando ter recebido algum tipo de aviso

ou informação de natureza desconhecida, acertam significativamente mais do que aquelas que apostam só por apostar.

Quer dizer, as pessoas que apostam porque sonharam com um número, ou com alguém, e interpretam seu sonho como aviso para jogar acertam estatisticamente mais do que aquelas que apostam sem nenhuma motivação especial. Tudo é sintonia.

Vamos a outro caso. Os nomes das pessoas envolvidas estão alterados.

Armando é um autista que, por ocasião do ocorrido, tinha seis anos.

Na casa de seus avós paternos estavam almoçando, ele, Armando, seus pais, Ernesto e Paula, seus avós maternos, Célia e Antônio e sua tia- avó, irmã de Célia, que Armando chama tia Maria.

Terminado o almoço, o avô Antônio levantou-se e saiu da sala. Armando apontou para a cadeira onde estava o senhor Antônio e disse: “O vô Lauro está sentado ali”.

Todos se apressaram em explicar-lhe que não havia ninguém na cadeira naquele momento. Que quem antes ali estivera sentado era o vô Antônio.

Ocorre que o vô Lauro já havia morrido e sua filha, Maria, na noite anterior, pedira muito ao espírito do pai que lhe mandasse alguma notícia.

Armando, em que pesem as afirmações contrárias dos demais, continuou insistindo que quem estava sentado naquela cadeira era o vô Lauro. E concluindo, disse: “Ele está pedindo para dizer para a tia Maria que está muito bem”.

Sabe-se que autistas, muitas vezes, revelam faculdades paranormais.

Sabemos que podemos atuar em diferentes níveis, sendo o mais próximo e objetivo, relativamente à percepção sensorial, o plano físico. Os autistas, com seu desligamento do plano físico, não terão eventualmente possibilidade de perceber outros planos, sem que essa percepção lhes cause qualquer estranheza?

O cérebro, veículo da alma, com limitações evidenciadas nas percepções de nosso plano imediato de atuações, não terá condições de estabelecer, mesmo que ocasionalmente, vínculos com outros planos?

Não seria essa uma questão a merecer melhores e mais aprofundados estudos, a partir dos novos paradigmas da ciência e da nova visão do ser humano?

Nilton Salvador, em seu livro *Deficiência ou Eficiência*, que tem como subtítulo *Autismo: Uma Emergência Espiritual?*, tece importantes considerações a respeito dos autistas ou portadores de qualquer outra síndrome, reversível ou não, mostrando quanto é benéfico para esses seres sentirem-se amados e receberem carinho. Nesse terreno sua sensibilidade é imensa.

A percepção de outros níveis de realidade está cobrando uma visão mais ampla de médicos e terapeutas.

Inácio Ferreira, citado por Nilton, em sua obra *Novos Rumos à Medicina*, propondo algumas questões, diz, textualmente: “A medicina material nasceu com o primeiro gemido, e seus recursos terminam no túmulo, enquanto a medicina espiritual nasceu com a primeira angústia e vai além, atravessando os sepulcros, para continuar na sua missão.

Ari Alex, médico, diz poder afirmar sem medo de errar que “o maior empecilho da medicina oficial terrena é acreditar ser o túmulo a última etapa da vida humana”.

Novos modelos, novos métodos. Já foram dados importantes passos nesse sentido, pois hoje, a medicina psicossomática afirma que não há doenças; há doentes.

Surgem terapias alternativas, fala-se até em medicina alternativa.

Tudo merece ser estudado e testado, com o devido rigor científico.

O nome medicina alternativa, no entanto, não é muito feliz. Pode levar os menos avisados a entender que todo o extraordinário progresso científico da medicina acadêmica nada significa e é substituível por práticas, que algumas vezes revelam superstição e desconhecimento.

Nenhum dos extremos. Nem uma medicina provida só de tecnologia, ignorando a

natureza essencial do homem, nem o desprezo à pesquisa séria que desenvolve novos processos de investigação e medicamentos de amplo espectro.

Um meio termo. E por buscá-lo, entendemos que o nome *alternativo*, em relação a tratamentos ou à medicina, poderia e deveria ser substituído por complementar. Aí, um não exclui o outro.

Mas, voltando à clarividência, vamos a outro fato. Interessante observar que os fenômenos paranormais, por fazerem parte de nossa natureza, manifestam-se, tanto em casos de vital importância, quanto em acontecimentos absolutamente corriqueiros.

Na década de sessenta, minha mãe, meu pai e eu estávamos na cidade de Pelotas, para aonde tínhamos viajado a fim de assistir o Grande Prêmio Princesa do Sul, acontecimento máximo do turfe daquela cidade, ; idealizado por meu pai, o jornalista Samuel de Araújo Lima, quando trabalhava no Diário de Notícias, jornal integrante dos Diários Associados.

Na manhã do domingo em que se realizaria a prova, minha mãe saiu com uma amiga para dar uma caminhada pelo centro.

Na rua principal, pararam diante de uma vitrine em cujo interior havia fotos e cartazes noticiando o acontecimento turfístico.

Olhando para a vitrine e algumas fotos de cavalos correndo, minha mãe viu, | destacando-se de um cartaz e como que avançando para o vidro, o número sete.

Passou a ter certeza de que o cavalo vencedor do páreo mais importante, o Grande Prêmio, seria o número sete.

No hipódromo, pediu a meu pai que apostasse no sete. A aposta contrariava todos os prognósticos dos entendidos. Em linguagem turfística, o número sete era um *azarão*, termo utilizado para identificar cavalos que têm mínimas chances de vencer ou, mesmo, nenhuma. Pois o *azarão* ganhou. O número visto, ou *como-visto* na vitrine correspondia ao do cavalo vencedor.

Tais fatos ocorrem conosco com mais frequência do que imaginamos, mas nem sempre estamos atentos a eles e, quando queremos prová-los, dificilmente acontecem.

A ânsia de produzir o fenômeno, sua exagerada expectativa geram um bloqueio às percepções mais sutis.

A clarividência também nos pode informar sobre os planos espirituais. Devemos entender, entretanto, que visões de outros planos não são visões no sentido convencional. São traduções para o nível de percepção visual de coisas invisíveis aos olhos físicos, o que faz presente uma simbologia a ser decodificada.

Examinemos agora uma interessante vivência de que nos dá notícia Hernani Guimarães Andrade.

Robert A. Monroe é um especialista em comunicações que trabalha com eletrônica.

Em 1958, teve sua primeira experiência de projeção fora do corpo. De início, sentiu-se surpreendido, confuso e bastante assustado, imaginando estar sofrendo de alguma doença grave.

Consultando seu psicólogo, o Dr. Bradshaw, ficou sabendo que algumas pessoas tinham tido esse tipo de experiência.

Não sendo rotulado como portador de alucinações, o que aconteceria se caísse nas mãos de um bitolado cerebrocentrista, Monroe procurou investigar em detalhes sua faculdade.

Relatou suas observações num livro intitulado *Journeys Out of The Body*, em 1972, obra traduzida para o português, com o título *Viagens Fora do Corpo*.

Em seus desdobramentos astrais, designados na nomenclatura da parapsicologia através da sigla *OBE* (out of the body experience), experiência fora do corpo, Monroe assevera ter tido conexões com três tipos de locais que denominou pelos números I, II e III.

O Local I corresponde ao nosso espaço vulgar, tridimensional, que é o espaço físico ordinário, captado por nossa percepção sensorial.

O Local II é uma região fora do nosso espaço físico, muito embora pareça ter conexão com ele, de alguma forma.

O Local III corresponde a um outro mundo, semelhante ao nosso, mas, aparentemente fora daqui de maneira total, embora pareça tão sólido quanto o nosso habitat.

Segundo Monroe, o Local II, identificável como espaço astral, é habitado por entidades com diversos graus de inteligência, com as quais é possível estabelecer-se comunicação. Nesta região, o pensamento tem força construtiva e modeladora. Basta pensar para criar, nesse plano.

A descrição não é inédita. Encontramo-la em outras obras e, principalmente em André Luis.

São testemunhos provenientes de distintas fontes, que dão credibilidade aos relatos. Sobre o pensamento e sua criação, voltaremos a falar.

O Passe

Jacob Melo

Cap. IX

A Cura - 1. Estudando a Cura

O que é uma doença? Seria a doença um mal de fato? A curadora norte-americana Barbara Ann Brennan nos apresenta um raciocínio do seu “Espírito Guia” muito interessante: “Toda doença é uma mensagem direta dirigida a você, que lhe diz que você não tem amado quem você é, nem se tratado com carinho a fim de ser quem você é. ESSA É A BASE DE TODO O TRATAMENTO”⁵. (Maiúsculas originais.) De fato, todas as vezes que nosso corpo apresenta alguma “mazela”, isto deve ser tomado como um sinal de que alguma coisa não está bem. E, de uma forma ou de outra, isso é patrocinado, gerado ou acalentado por nós mesmos, pelo que devemos observar as doenças como sinais de alerta e não como um mal em si, pois, se sabemos que algo está desequilibrado e não nos sentimos bem com isso, devemos procurar o reequilíbrio e não ficarmos a maldizer o veículo sinalizador.

De uma maneira primorosa, o Codificador Kardec nos situa: “A cura se opera mediante a substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. O poder curativo está, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, *seja homem ou Espírito*.”

“(…) O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e n circunstâncias especiais”⁶. (Grifos originais.)

Essa explicação, por simples, guarda, com profundidade, todos os quadrante» da questão fluidoterápica. Ao tempo em que sintetiza o *modus operandi*, estabelece as condições *sine qua non* ao bom desempenho do passe, além de defini. sem rodeios, o princípio básico sobre o qual repousam o magnetismo e o passe.

O médico Antônio J. Freire nos indica, por sua ótica, o processo da substituição das “moléculas malsãs pelas sãs”: “O corpo vital está em íntima relação fisiológica e patológica com o corpo físico. Todas as doenças produzem repercussão no corpo vital; as perturbações na *aura da saúde* são comprobativas.

“E no corpo vital – *detentor, transformador e emissor da vitalidade solar* – que existe o

laboratório produtor do *hiomagnetismo*, cujo poder curativo dos seus eflúvios para grande número de doenças é, por vezes, extraordinário, tomando a aparência de milagre.

5. BRENNAN, Barbara Ann. Saúde, um desafio para você ser você mesmo. In “Mãos d> Luz”, cap. 26, item Meditação de Heyoan sobre a autocura, subitem 3, p. 355.

6. KARDEC, AUan. Os fluidos. In “A Gênese”, cap. 14, itens 31 e 32, Curas.

“(…) As aplicações magnéticas são, em última análise, *uma transfusão de vida*, elaborada pelo corpo vital, duplo etérico ou corpo ódico”⁷. (Grifos originais.)

Mesmo tendo o autor deixado de lado, em sua análise, a influência espiritual, percebemos a atuação do perispírito nessa “mão de duas vias”, patrocinando a “transfusão de vida”, o que ratifica as palavras de Kardec.

Se na situação acima foi desconsiderada a parte espiritual, observemos agora um tratamento bem específico, um caso de autismo, quando o paciente, encarnado, receberá toda uma terapia fluidica e espiritual por ocasião do desdobramento da personalidade nos momentos do sono. Assim instrui o Dr. Bezerra de Menezes:

“Ser-lhe-ão aplicados recursos especiais no perispírito, na área do *centro cerebral*, despertando-lhe as potencialidades ainda bloqueadas, para que se destravem os controles da memória, da razão, prosseguindo, no centro motor, de modo a reordenar os movimentos, reestruturando os equipamentos nervosos, que serão melhormente utilizados em favor da sua própria reabilitação.

“(…) A medida que a consciência libere energias positivas, regular-se-ão os ritmos da onda mental responsável pela ação coordenada entre a afetividade e a segurança interior, canalizando as forças psíquicas para o restabelecimento relativo da saúde”^{8 9}. (Grifos originais.)

Recordemos, complementando tudo isso, a palavra esclarecedora do Espírito André Luiz:

“Reconhecendo-se a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico – particularmente as sanguíneas e as histiocitárias –, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda.

“Toda queda moral nos seres responsáveis opera certa lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito, a refletir-se em desarmonia no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento.

“A dor, portanto, dessa ou daquela forma, é sempre uma situação de alarma ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura”⁹.

7. FREIRE, Antônio J. Do corpo vital ou duplo etérico. In “Da Alma Humana”, cap. 3, p. 55.

8. FRANCO, Divaldo Pereira. O despertar de Aderson. In “Loucura e Obsessão”, cap. 18, p. 237.

9. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Passe magnético. In “Evolução em Dois Mundos”, 2: Parte, 15, pp. 202 e 203.

Encontramos, assim, lúcidas explicações sobre o efeito físico do fluido no organismo e como se processa o que Kardec chamou de substituição de moléculas. Por outro lado, André Luiz considera as diretas implicações do comportamento moral do homem na gênese de certas lesões não só psíquicas, mas, igualmente físicas, apresentando, a seguir, o lado positivo da dor: sinalizador da necessidade de “reparos” na “carruagem” orgânica. E essa carruagem funcionará, não esqueçamos, sob os auspícios da mente, como deixou claro o Dr. Bezerra acima.

Desse ponto, voltemos a Kardec e a sua visão “molecular”, a fim de percebermos que não há divergência de explicação, mas, tão-só uma questão de terminologia. Agora, ele edita uma mensagem psicografada do Espírito E. Quineman, sem aditar comentários:

“O fluido transmissor da saúde no magnetismo é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que poderia comparar-se ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem trazer a cura nos órgãos

doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, em consequência de sua *composição molecular*, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual, quanto uma influência puramente animal”¹⁰. (Grifamos.)

Num outro momento, e ainda considerando sua teoria de substituição molecular, Kardec faz uma ressalva importantíssima: “Na cura das moléstias desta natureza (doenças puramente orgânicas), pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias.” E acrescenta adiante, enfocando outro aspecto da questão:

“Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado crônico, não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido, que as desagrega, por assim dizer, e perturba a sua economia.

“(…) Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos, dos quais é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso”¹¹. (Lembra o leitor da importância do dispepsivo comentada no capítulo anterior? E de nossa colocação sobre o “amanhã” já ser nosso “hoje”, feita há pouco?)

Examinemos agora uma teoria que foi apresentada ao Sr. Harold Sherman, sobre os tão famosos e surpreendentes feitos do médium filipino Tony Agpaon, que “abria as carnes” dos pacientes, sem qualquer instrumento cortante ou cirúrgico nas mãos, e depois fazia a religação das mesmas, num processo de cicatrização, An rapidíssimo e sem consequências maiores ao organismo. Eis a síntese da teoria que lhe foi apresentada por um médico: “Sr. Sherman, não estou preparado, neste momento, para comunicar isto ao mundo científico como um fato real, mas pode interessar-lhe saber que no meu laboratório, por meio de *instrumentação eletromagnética* desenvolvida, eu estive separando e reunindo estruturas celulares vegetais e estruturas celulares de ratos e camundongos.”

10. O magnetismo e o Espiritismo comparados. In “Revista Espírita”, jun. 1867, p. 191.

11. Ensaio teórico das curas instantâneas. In “Revista Espírita”, mar. 1868, pp. 87 e 88.

“Para mim (comenta Sherman), aquela era uma declaração assombrosa, mas sua lógica tomou-se mais aparente depois que ele me explicou: “Não há dúvida alguma que a ciência um dia há de separar e reunir estruturas celulares ou tecidos por meios eletromagnéticos. É a mesma energia magnética coesiva que mantém unidas as células de nossos organismos. E se Tony e outros curadores estiverem realmente executando esse fenômeno, terão de absorver, converter e usar essa mesma energia eletromagnética do campo da energia terrestre. Se estiverem fazendo isso, não estarão cortando os tecidos celulares; estão simplesmente separando-os por uma forma de unipolarização, e a simples separação não prejudica as células como o faz a faca do cirurgião, de modo que as células não têm de se restaurar antes de serem curadas. Uma vez liberado o tecido celular separado, que foi partido e está num estado unipolar, as polaridades magnéticas opostas rapidamente o juntam de novo, e as duas partes se fundem e aparecem exatamente como eram antes!

“Isso apresenta um vasto campo para conjecturas, pois se é possível separar e reunir estruturas celulares *in vitro* no laboratório, então parece lógico que isso possa ser feito *in vivo*, como Tony e outros curadores parecem fazer”¹². (Grifos originais.)

SHERMAN, Harold. Uma experiência curativa distante. Im “O Poder de Curar”, cap. I, item Uma teoria provocadora, p. 31.

E, sem dúvida, uma hipótese verdadeiramente provocadora, instigante, sensata, racional. Mas, ainda que não comprovada (até onde sabemos), tem uma lógica primorosa, mormente se considerarmos a ação espiritual que, no caso, não foi aventada. Para sentirmos sua lógica, basta comparemo-la às explicações dos chamados “fenômenos de transporte”, tão bem estudados por Kardec e minuciosamente monografados pelo eminente Ernesto Bozzano. Fato é que a “Natureza” nos reserva surpresas e “mistérios” para muitos milhares... de reencarnações.

Voltando à teoria sobre as operações do médium Tony, encontramos uma linha de

pesquisas que, bem perseguida, nos levará a grandes descobertas no campo dos fluidos. Já iniciada mas, lamentavelmente, distorcida, a kirliangrafia pode render muito: “Os trabalhos preliminares com a fotografia kirliana até agora parecem indicar que a cura psíquica envolve uma transferência de energia ‘lo **corpo bioplasmático** do curador para o **corpo bioplasmático** do paciente. As mudanças ocorridas nesse nível finalmente se refletem no corpo físico e, Negundo se afirma, curam-no. Se descobríssemos como funciona o corpo bioplas- mático, talvez pudéssemos desenvolver novas formas de cura baseadas na equili- bração das suas energias, possivelmente com íons negativos, pulsações eletromagnéticas ou campos magnéticos oscilantes”¹³ (Sheila Ostrandere Lynn Schroeder) (grifos originais).

“Para Inyushin, a doença basicamente refletiria um distúrbio no equilíbrio bioplasmático do corpo. Em outras palavras, existem poucas enfermidades localizadas – ao invés disso, a doença, de uma forma geral, envolve o organismo como um todo. O paciente deveria ser tratado “como um todo bioenergético”.

“Um campo completamente novo da regulação direcionada do estado bioenergético do organismo está sendo descoberto. Os bioefeitos ressoantes induzidos pela radiação forçam- nos a criar novos conceitos acerca do organismo vivo como sendo um todo, no qual os processos energéticos repousam na base de todas as manifestações da vida. (Inyushin e Chekorov, 1976, p. 7.)

“Esta posição holística é apoiada por A. S. Romen em seu trabalho de auto- regulação”¹⁴.

“(…) Inyushin avançou na teoria de que os organismos vivos são “corpos energéticos” interagindo com campos de energia em seu ambiente local cósmico. Algumas pessoas poderiam ser treinadas para utilizar esta energia a fim de curar a si mesmas, curar os outros e interagir a distância com outros organismos. Portanto, a auto-regulação pode ser associada intimamente a fenômenos de cura não-usual, ESP e PK”¹⁵.

Sintamos o quanto nós, os espíritas, somos agraciados. Enquanto os russos iniciam suas pesquisas de forma puramente animal, já estamos “no espaço”, atuando com, em, pelos e para os Espíritos, tudo a partir da “matéria elementar”, do fluido cósmico, como bem conceituou Kardec, pela vontade da Vontade Maior. Não precisamos de termos rebuscados, não carecemos de medições imprecisas; os resultados nos demonstram as conquistas, a moral nos impulsiona a grandes vitórias, o bem se estabelece sem alquimias fantasiosas e o estudo, baseado na experimentação *ipso facto*, se torna proveitoso e avançado. O que hoje lhes é motivo de festejos por descobertas, a descoberta do perispírito, sua estruturação, sua razão de ser e seu domínio vibracional sobre as funções do corpo e as ligações Espírito- matéria, nos planifica o saber em nível superior e nos plenifica de entusiasmos por seu estudo, sua assimilação e, o que mais importa, pelo veículo evolutivo em que se consubstancia para cada um de nós. Se para eles a cura holística se resume, ainda, nos extremos que vão do corpo humano ao corpo bioplasmático, para o espírita ela se estende mais além, pois, integra, a esse holismo “bidimensional”, sua figura primordial, seu elemento-chave: o Espírito, ser imortal e dominante no homem, encarnado e desencarnado.

13. OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn. O corpo energético e a ESP. In “Experiência» Psíquicas Além da Cortina de Feiro”, cap. 18, item Cura, p. 243.

14. KRIPPNER, Stanley (Ph.D.). Acupuntura por raios laser. In “Possibilidades Humana», cap. 11, item Ressonância, bioplasma e auto-regulação, p. 302

15. KRIPPNER, Stanley (Ph.D.). Acupuntura por raios laser. In “Possibilidades Humana», cap. 11, item Corpos energéticos, p. 310.

Porém, se para eles suas novidades nos são antigas, muito do que temos por novo, tem sua origem num remoto passado, mostrando-nos o quanto somos lerdos nos estudos e aprendizados. Muito antes de Cristo, assim já pensava Platão que bebia sua sabedoria na sabedoria maior de Sócrates: “Se a cabeça e o corpo devem andar bem, deveis começar por curar a alma; esta é a primeira coisa (...) O grande erro de nossa época no tratamento do corpo humano (é) que os médicos separam a alma do corpo” (Diálogos)¹⁶. É brincadeira!? Curemos e curemo-nos, holisticamente, como sugere Gmmanuel:

“Consagra-te à própria cura, mas não esqueças a pregação do Reino Divino aos teus

órgãos.

“Eles são vivos e educáveis. Sem que teu pensamento se purifique e sem que a tua vontade comande o barco do organismo para o bem, a intervenção dos remédios humanos não passará de medida em trânsito para a inutilidade”¹⁷.

Em todas as teorias e hipóteses até aqui apresentadas, inclusive as informações de Kardec e dos Espíritos, só encontramos sustentação para elas se auridas, vividas e alimentadas na Fonte das Bênçãos Perenes que, sem agir diretamente senão por meio de sua Lei, não nos lega à própria sorte, nunca. Razão por que, mesmo os materialistas, mesmos os ateus, sobrelevando as potências anímicas do ser, mas conjugando-as à Natureza, a uma Lei Maior, reportam-se, instintiva e subliminarmente, ao Todo Poderoso, nosso Pai de Amor e Bondade, DEUS! Sem Ele, ainda que houvesse cura, não haveria nada. Como dizia um médico amigo nosso: “Não importa que acreditemos ou não em Deus. Importa que Ele acredite em nós pois se Ele não acreditar na gente, nós simplesmente não existiremos.”

Nossa humildade é necessária e o reconhecimento do Pai e dos seus Emissários não nos diminui em nada; afinal, o humilde não é o miserável sem vontade, mas, aquele que sabe obedecer com resignação. Sejamos, em nossas curas, como dizia e fazia o Dr. Ambrose Pare, famoso cirurgião francês do século XVI, ilue após cada operação por ele realizada repetia sempre: “Fui eu quem pôs a atadura no ferimento – Deus o curou”¹⁸.

Vale a ponderação do Dr. Bezerra de Menezes: “Quando os homens compreenderem que o amor é sempre mais benéfico para quem ama, muitos males desaparecerão da Terra e a etiopatogenia de inúmeras enfermidades diluir-se-á, Nustando-se a erupção das mesmas”¹⁹.

16. MEEK, George W. (Org.). Perspectiva – uma visão geral da cura paranormal. In “As Curas Paranormais”, cap. 1, pp. 10 e 11.

17. XAVIER, Francisco Cândido. A cura própria. In “Segue-me”, p. 54.

18. MEEK, George W. (Org.). A eficiente medicina da cura. In “As Curas Paranormais”, 0«p. 11, item A linha básica, p. 145.

19. FRANCO, Divaldo Pereira. Programática reencarnacionista. In “Nas Fronteiras da Loucura”, 1«p. 4, p. 41.

Antes de passarmos ao próximo item, uma outra observação. Daquela passagem narrada por Marcos (V, 25 a 34) em que uma jovem após 12 anos de hemorragia contínua tocou as vestes do Cristo e se curou, notemos que Jesus não exteriorizou uma “vontade” de cura mas ainda assim a jovem absorveu sua “virtude” e curou-se. Isto demonstra que pode haver cura por “irradiação fluídica normal”, sem a expressa vontade do doador, mas desde que haja um outro componente de igual força, fazendo com que o fluido salutar da cura seja “atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente”, conforme bem raciocinou Kardec²⁰.

20. KARDEC, Allan. Os milagres do Evangelho. In “A Gênese”, cap. 15, item 11.

As Aves Feridas na Terra Voam

Nancy Puhlmann Di Girolamo

9

A Eternidade e a Criança

Temos pensado que existe na criança pequena a evidente presença da Eternidade. Envolvida mais pelas influências da vida espiritual do que pelas da nova existência, consegue espontaneamente aquilo que os antigos apontavam como características da verdadeira sabedoria: Sen- tir-se parte do todo.

O bebê move-se no espaço em semi-rotação, vagueia o olhar ensaiando a adaptação no claro e escuro, experimenta o uso dos dedos das mãos, estremece aos ruídos, e quando quer responder ou indicar uma necessidade, “põe a boca no mundo”. Faz tudo isso (e muito mais) de uma forma que não se repetirá ao longo de sua vida terrena. Nos primeiros meses e nos primeiros anos o ser humano parece colocar a sua segurança, principalmente, na certeza de que tudo está no todo e de que ele “é um com o todo”. Em suma, está mergulhado na eternidade.

Eternidade é palavra de definição etimológica fácil, mas de conceituação abstrata e profunda, centrífuga e centrípeta ao ser interior. E por isso que, na medida do envolvimento nas solicitações do tempo e de espaço que o crescimento físico impõe, a realidade do “eterno” vai ficando cada vez mais sutil, mais complexa, mais inabordável.

A criança comum permanece pouco tempo transmitindo essa mensagem, mas a criança excepcional, portadora de retardo no seu desenvolvimento, persiste nela por longo período, nunca chegando totalmente a perder o envolvimento na eternidade.

Sendo-lhe difícil adquirir a discriminação das coisas através de seus sentidos materiais, não conseguindo racionalizar facilmente, mas precisando sobreviver, entra dificilmente no amplo espaço do relacionamento. Suas experiências se expandem pouco para as exigências sociais, porém, movimentam-se mais livremente dentro de uma área com predominante conteúdo espiritual. Quanto mais desligada nos contextos formais e usuais da estruturada vivência cotidiana, mais intenso parece ser esse conteúdo.

Fazemos essas ilações baseados na observação dos comportamentos das crianças excepcionais, principalmente comparando as fases posteriores com as anteriores às ligações com a vida concreta ou com o concreto da vida. Como esse processo se passa em ritmo de câmara lenta pode ser mais detidamente observado.

Emergem traços de conduta ainda mal delineados, resquícios de fases anteriores à idade cronológica mas também, às vezes, vem à tona surpreendentes e inexplicáveis sinais de intensa vida interior. Isso nos sugere a idéia de que o espírito não encontrando no veículo deficiente a adequação formal para a sua manifestação, está mais livre do que a criança comum para a vida éspiritual, embora evidentemente mais preso à legislação moral de causa e efeito.

Entre essa liberdade e essa prisão ele realiza uma estranha mas preciosa e intransmissível experiência que merece profícuo estudo, ainda porque pode vir a enriquecer o conhecimento da própria natureza humana.

Comprimida como em um túnel estreito, a criança excepcional parece se colocar na posição interior vertical, sem poder se dispersar da direção das suas primeiras raízes. Isso nos faz pensar no universo de estudos e pesquisas a serem feitos futuramente em torno dessa aberração que é o desenvolvimento fora dos padrões comuns de normalidade, tanto no sentido sincrônico e longitudinal da existência física, como no sentido do caminho e do posicionamento em face da Eternidade.

Pelo que temos podido observar em quase vinte anos de contato diário com essas crianças diferentes, ousamos argumentar que a atitude dos retardados não é exatamente a de “eterna criança” como vulgarmente se preconiza. Pode-se notar, em meio ao alheamento ou à dispersão, à quietude ou à hipercinesia, ao autismo ou à descontrolada agressividade, momentos de impressionante expressão que não se identificam com padrões nem primitivos nem patológicos determinados, mas são “sui generis”, como se a eternidade presente estivesse transbordando e transmitindo, sem anteparos, a sua mensagem.

Pensamos que nessas conjecturas não há subjetivismos nossos, ou forças de expressão, e sim a evidência da compensação natural que caracteriza as circunstâncias advindas da lei divina para os homens.

Tudo indica que essas leis são de justiça com atenuantes, melhor dizendo, de justiça com amor, de tal forma que há sempre utilidade evolutiva, tanto para o encarcerado no corpo deficiente quanto para os que o encontram em seus caminhos.

Psiquiatria e Mediunismo

Leopoldo Balduino

Ap. VIII – Doença Mental e Mediunismo

De acordo com André Luiz (“Evolução em dois Mundos”), “(...) o como espiritual preside no campo físico a todas as atividades nervosas, resultantes da entrosagem de sinergias funcionais diversas (pág. 124). E que os fenômenos patológicos susceptíveis de ocorrer (...) em alguns dos setores corticais do corpo físico podem surgir igualmente no corpo espiritual, quando a turvação da mente é capaz de obstruir temporariamente esse ou aquele fulcro energético da região diencefálica, no centro coronário da entidade desencarnada” (pág. 126).

Em seguida descreve um dos possíveis mecanismos de psicose espiritual “(...) pode sofrer disfunção específica pela qual um Espírito desencarnado contemplará tão-somente, por tempo equivalente à conturbação em que se encontra, os quadros terríveis que lhes digam respeito às culpas contraídas, sem capacidade para observar paisagens de outra espécie; (...) com absoluto olvido de fatos (...) o pensamento contínuo que lhes flui da mente, em círculo vicioso sobre si mesmo, age coagulando ou materializando pesadelos fantásticos, em conexão com as lembranças que albergam” (pág. 127). Essa descrição pode bem representar um tipo especial de autismo, no plano espiritual, com alucinações correspondentes, semelhando as monomanias da corrente alienista francesa (psicoses).

Esse autor vai mais fundo na sua análise, ao declarar que “(...) esses pesadelos não são realmente meras criações abstratas (...) (mas são) formadas pelas partículas vivas de matéria mental, e se articulam em quadros que obedecem também à vitalidade mais ou menos longa do pensamento, (...) que, congregando criações do mesmo teor, de outros Espíritos afins, estabelecem, por associações espontâneas, os painéis apavorantes em que a consciência culpada expia (...)” (idem). Nessa mesma direção, existe o pensamento de diversos psiquiatras convencionais, entre os quais Jung, que admitem o caráter até certo ponto contagioso de certos distúrbios mentais.

Continuando, nas págs. 213/214, tem-se que “a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas (...) nóculo de forças mentais desequilibradas (...) expressando as chamadas dívidas cármicas”. E que “todo remédio da farmacopéia humana, até certo ponto, é projeção de elementos quimioelétricos sobre as agregações celulares, estimulando-lhes as funções ou corrigindo-as (...). Na Espiritualidade, os servidores da Medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo, para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença (...)” “(...) na Espiritualidade Superior, o médico não se ergue apenas com o pedestal da cultura acadêmica (...) visto que a psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano extrafísico, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração” (pág. 216).

Como se vê, a Doutrina Espírita amplia consideravelmente o campo tanto da Psicologia normal como anormal. Assim fica demonstrado, supõe-se, que tanto a uni- lateralidade da Psiquiatria mecanicista, de um lado, quanto a de alguns psiquistas, de outro, estão incorretas. Aliás, já foi dito, com Aksakof, sobre a tendência dos espíritas de atribuírem todos os sinais e sintomas à atuação dos Espíritos. Aqui, como sempre, o bom senso deve prevalecer, acima de condicionamentos unilaterais, tanto de ordem teórica como prática.

Transtornos Mentais

Suely Schubert

Cap.5 – Transtornos Psicóticos

Caracterizam-se pela perda do juízo de realidade e prejuízo do funcionamento mental, manifestado por delírios, alucinações, confusão e prejuízo da memória. O termo “psicótico” tornou-se sinônimo de grave limitação no funcionamento social e pessoal, caracterizado por retraimento social e incapacidade para desempenhar os papéis profissionais e domésticos habituais. O psicótico não deve ser confundido com o “psicopata”, antiga denominação dos indivíduos com transtorno de personalidade antissocial.

A evidência direta de comportamento psicótico é a presença de delírios ou alucinações sem que o paciente tenha consciência de sua natureza patológica. Exemplos incluem fala acentuadamente incoerente sem aparente consciência da pessoa de que sua fala não é compreensível, comportamento agitado, desatento e desorientado.

Os quadros psicóticos apresentam-se com etiologia de:

1. causa orgânica (lesionai): alcoólica (*delirium tremens*, demência alcoólica), drogas (incluindo-se a síndrome de abstinência), doença de Alzheimer, patologias tumorais e infecciosas prévias;
2. causa não orgânica (psicoemocional e genética): esquizofrenia, demência senil, transtornos delirantes (paranoide e outros), [CP]

Psicoses na visão espírita

Em seu esclarecimento a respeito, Jorge Andréa informa que os psicóticos, pelo bloqueio da funcionalidade mental, são doentes das estruturas básicas do eu.

Nas psicoses existirão os grandes desvios mentais com perda da realidade e sem capacidade de direcionamento próprio. Alguns não se consideram doentes e vão externando conduta excêntrica, podendo alcançar certos graus de periculosidade.

Pela alteração das estruturas mentais e por não ter consciência da própria situação, os pacientes quase sempre ficam necessitados de internação, perdendo comumente a capacidade de realização de suas atividades cotidianas e até mesmo o convívio familiar e social.

As psicoses representam os mais severos quadros das doenças mentais, com multiplicidade sintomática, quase sempre associadas em complicações psicológicas, de modo a traduzir graves e profundas lesões psíquicas.³⁷

37. Jorge Andréa dos Santos, *Visão espírita nas distonias mentais*.

A presença de delírios e alucinações nos quadros psicóticos sempre despertou o nosso interesse, na tentativa de compreender como se originam na mente humana. A resposta encontramos em André Luiz, que discorre, com a profundidade e clareza que lhe são peculiares, sobre a mecânica desse processo mental.

Isso envolve o problema do “desejo central”, que significa a tendência predominante em cada ser humano.

Ao explicar uma das técnicas utilizadas para promover a obsessão, certa personagem que a isso se dedica - conforme consta da obra *Ação e reação*, de André Luiz - passa a narrar os procedimentos necessários para atingir os fins a que se propõe.

Informa inicialmente que é imprescindível descobrir o “desejo central” da pessoa visada; observar-lhe os desejos mais íntimos, o que não é difícil, pois os pensamentos que emitimos com mais frequência nascem da nossa tendência mais profunda, passando a “constituir o reflexo dominante de nossa personalidade”.

Vejamos a sua narrativa.

Conhecido o reflexo da criatura que nos propomos retificar ou punir é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecendo-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental. Com esse objetivo, basta alguma diligência para situar, no convívio da criatura malfazeja que precisamos corrigir, entidades outras que se lhe adaptem ao modo de sentir e de ser, quando não possamos por nós mesmos, à falta de tempo, criar as telas que desejamos, com vistas aos fins visados, por intermédio da fixação hipnótica. Através de semelhantes processos, criamos e mantemos facilmente o “delírio psíquico” ou a “obsessão”, passa de um estado anormal da mente, subjugada pelo excesso de suas próprias criações a pressionarem o campo sensorial, infinitamente acrescidas de influência direta ou indireta de outras mentes desencarnadas ou não, atraídas por seu próprio reflexo.

E o ardiloso Espírito (obsessor) concluiu a explicação:

Cada um é tentado exteriormente pela tentação que alimenta em si próprio.³⁸

38. Francisco C. Xavier, André Luiz (Espírito), *Ação e reação*.

As psicoses são doenças da alma ou do Espírito, expressando os graves comprometimentos do passado, especialmente na área intelectual, gerando a inarmonia psíquica de hoje.

Elucidando quanto às causas profundas do transtorno, o Espírito Carneiro de Campos afirma que em todo problema de psicoses “o ser espiritual é sempre responsável pela conjuntura que padece”.

Abrindo uma perspectiva de esperança, afirma o autor espiritual que,

no espírito, encontram-se latentes os valiosos recursos que o podem incitar à liberação do çarma pela importância da tera_ pêuítica tradicional, quando o paciente resolve ajustar-se; pela técnica fluidoterápica da ciência espírita, quando o alienado deseja cooperar; mediante os recursos valiosos da psicoterapia através da auto jautossugestãpj, da heterossugestão do otimismo, da oração, da edificação de si mesmo, quando o enfermo deseja submeter-se espontaneamente.³⁹

39. Divaldo Franco, Espíritos diversos, *Sementes de vida*

O suicídio como conduta psicótica Várias estatísticas mencionadas em capítulos precedentes informam que muitos dos transtornos mentais podem levar ao suicídio. Este é um assunto da maior importância na visão espírita.

Segundo os autores argentinos, o médico psiquiatra e psicanalista Eduardo Kalina e o filósofo e escritor Santiago Kovadloff,⁴⁰ o suicídio, só em algumas ocasiões, tem o caráter de uma escolha voluntária.

Geralmente, mais que uma opção, se revela como uma conduta psicótica, como um gesto alienado, que absorve, por assim dizer, a personalidade inteira de quem o realiza.

Descrevendo os pormenores do processo, afirmam:

Entendido como imposição, o desejo suicida invade o eu consciente. Assalta-o e dobra-o, submetendo-o a uma ordem taná-tica. O eu, debilitado, não pode conter a invasão dos impulsos destrutivos. [...]

O eu do suicida inicia muito cedo sua luta contra as fantasias tanáticas. À medida que transcorre o tempo, suas forças se vão atenuando e a influência da área psicótica da personalidade - na qual se nutre o impulso suicida - é cada vez maior.

É oportuno observarmos, na ótima obra dos autores citados, dois aspectos que nos interessam de perto.

40; 41

Eduardo Kalina, Santiago Kovadloff, *As cerimónias da destruição*

O primeiro é a afirmativa: “O suicida é um homem preparado de antemão para terminar como termina.” Convém comentarmos, logo de imediato, o que o espiritismo elucida a respeito.

Sabemos que o Espírito traz do passado todo o acervo conquistado. Se em reencarnações anteriores ele foi um suicida, poderá ocorrer que a ideia suicida reapareça na reencarnação seguinte, pois esse estado mental impregna fortemente o psiquismo da criatura. A tendência a realizar novamente o suicídio aparece, pois as sequelas que o ato acarreta são marcantes, levando a pessoa, diante de *reveses* da vida, a cultivar a mesma ideia e até consumá-la. Seria, então, uma compulsão para o suicídio, o que denota o conteúdo psicótico.

Todavia, isso não significa que o Espírito venha preparado ou destinado ao suicídio. A lei divina sempre possibilita aos seres humanos o seu crescimento, o progresso espiritual. Assim, a tendência para o autoçídio ocorre por não ter ainda o indivíduo que a apresenta conseguido superar as fraquezas morais que prevalecem em seu mundo íntimo.

O outro aspecto é quando abordam a concepção delirante subjacente na ideação do autoçídio, porém é de tal forma racionalizada que não se percebe “a dose de loucura que nutre muitas das formas opcionais do suicídio”. Esclarecem ainda que “*para poder se matar, faz falta perder a consciência do indivíduo como si mesmo*”.

Existe um instante - aquele em que se dispara sobre o próprio corpo ou se o envenena ou se o joga no vazio - em que estamos *fora de nós* e graças a isso podemos atacar a nós mesmos da forma que o fazemos. A capacidade autodefensiva do eu, nesse instante, transbordou. Este rebaixamento assinala a irrupção da *psicose*. Por isso, porque aquele que se mata age sob o jugo de componentes extremos da personalidade, postulamos o suicídio como uma solução psicótica.

Aqui pode se dizer que o eu é “assassinado” pela carga desorganizadora dos conteúdos tanáticos dos níveis psicóticos do funcionamento mental. Vemos, então, que este “assassinato” exige, para se consumir, a anulação da autoconsciência, a abolição do eu capaz de apreender-se como tal a si mesmo. Não pode haver, por consequência, uma escolha da morte, posto que não entra em jogo uma vontade seletiva, uma consciência operante.⁴¹

Não é difícil deduzirmos os aspectos espirituais implícitos neste doloroso processo. Atenemos para o que esclarece Joanna de Ângelis com relação aos conflitos íntimos:

Diz-se que o comportamento autodestrutivo, decorrente dos impulsos doentios, é de origem mental exclusivamente.

Sem que seja descartada essa hipótese, as suas raízes, porém, estão fincadas em experiências anteriores do Espírito que se é, responsável pela estrutura do corpo em que se está, elaborando os conflitos e a ruptura da personalidade.

O Espírito que, anteriormente, malbaratou a oportunidade de crescimento moral através de ações nefastas., enredou-se em forças vibratórias de grave conteúdo destrutivo, renascendo em lar difícil para o ajustamento efetivo, em clima de desafios de vária ordem para a aprendizagem comportamental, conduzindo a carga de energia necessária ao equilíbrio da personalidade que lhe cabe administrar.

Os fatores hostis, que defronta são a auto-herança que recebe, a fim de bem aplicá-la para conseguir valores O despertar da consciência a pouco e pouco abre espaço para a identificação da culpa, tornando-se instrumento de auto-punição com tendência maníaca para a autodestruição.⁴²

Observemos também o que leciona Manoel Philomeno de Miranda acerca de algumas explicações de especialistas sobre as causas do suicídio:

Os comportamentos materialistas, em modernas escolas da psicologia, pretendem relacionar o suicídio com baixas cargas de serotonina no cérebro, *facilitando* a compreensão do episódio autoçida graças a um neurotransmissor de natureza química. Sem dúvida, nessas dezenas de substâncias químicas que atuam como neurotransmissores no controle da atividade cerebral, respondendo pela área da emoção, defrontamos as *causas* de muitas ocorrências psíquicas, emocionais e físicas. Contudo, são, por sua vez, efeitos de outros fatores mais profundos, aqueles que procedem do Espírito que comanda a câmara cerebral, exteriorizando-se na mente e na fisiologia desses microinstrumentos que constituem a sede física do pensamento e de outras igualmente importantes funções da vida humana. [...]

Uma análise mais íntima do fenômeno autodestruidor leva também a sutis ou violentas obsessões que o amor enlouquecido e o ódio devastador fomentam, além da cortina carnal.⁴³

42. Divaldo Franco, Joanna de Ângelis (Espírito), *Amor, imbatível amor*.

43. Divaldo Franco, Manoel Philomeno de Miranda (Espírito), *Temas da vida e da morte*.

Infelizmente, conhecemos muitos casos que estão como que retratados pelos autores argentinos na explicação acima transcrita e que denotavam o conteúdo psicótico. Mas, em sua realidade profunda, crianças, jovens, homens e mulheres adultos que se mataram, sob a ótica espiritual estavam, em sua grande maioria, sob o domínio de Espíritos malfazejos, vingadores. (Em relação à criança, abordaremos mais adiante.)

Voltando ao texto dos argentinos, verifica-se o quanto é precisa a explicação relativa ao fato de o suicida *estar fora de si* e, por isso, *agride violentamente a si mesmo*, que embora esteja adstrita ao âmbito das reações psicológicas e psicóticas dá margem a que se extrapole dessas fronteiras para o que é mais profundo e realmente a causa de tudo: os conteúdos espirituais.

O processo expressa a indução hipnótica do Espírito perseguidor que se torna, então, predominante, neste momento decisivo, favorecendo a dicotomia extremamente desequilibrada, na qual o indivíduo “vê” o corpo físico e a vida com alta carga de revolta, de ódio, de culpa. Ao *matar a vida*, pretende, não somente eliminar o sofrimento que o conflito interior acarreta (e que julga ser inerente apenas ao corpo físico), mas também *vingar-se* de pessoas que o cercam e que, a seu juízo, não lhe deram o amor ou o valor que julgava merecer. Com sua morte, anseia por provocar-lhes sentimentos de revolta e culpa - estados íntimos esses que são, quase sempre, instigados pelo ser invisível, que odiento e infeliz deseja infelicitar aquele que é objeto da sua sanha destruidora e aos que o rodeiam.

O desfecho dramático retrata um quadro de “assassinio” que, embora tenha conteúdo psicótico, expressa, em última análise, a consumação da vingança engendrada, pela entidade obsessora.

O assédio dessas entidades só acontece porque trazemos graves dívidas do passado, com as quais nos defrontamos no presente de maneira sofrida e, às vezes, extremamente complexa. A nossa inferioridade moral é a via de acesso a essas interferências negativas.

Esses Espíritos perseguidores têm como objetivo levar a vítima ao suicídio, pois sabem que as consequências desse ato são de sofrimentos superlativos, não apenas após o despertar no plano espiritual, mas também pelas sequelas, que se imprimirão no corpo físico na reencarnação seguinte.

A perseguição é executada através de sintonia mental que se estabelece entre o atual algoz e a vítima. Isso é possível por estarem ambos enredados em compromissos do passado e este que hoje está na situação de vítima é vulnerável, por trazer no seu íntimo a culpa, que o fragiliza. Assim, julga-se sem forças morais suficientes para opor resistência ao assédio perturbador.

Ante a fraqueza que apresenta, o perseguidor faz-se cada vez mais dominador, induzindo-o de forma hipnótica a pôr termo à própria vida.

Mas, é o caso de se perguntar: e a pessoa não tem nenhuma defesa quanto a isso? Sim, tem. Se a pessoa que é alvo da perseguição estiver em outra faixa vibratória, mais elevada, por conta de uma conduta equilibrada, digna, cultivar a oração, praticar o bem e estiver tentando a sua transformação moral com perseverança, se tiver fé em Deus, o obsessor encontrará obstáculos mentais e espirituais para a sintonia que pretende estabelecer e que o impedirão de atuar de forma nefasta. É que as dívidas que trazemos não precisam ser necessariamente quitadas perante a lei divina dessa maneira. No uso de seu livre-arbítrio, o ser humano, ao optar por uma conduta moral elevada e mantendo-se assim, com determinação e perseverança, irá quitando os seus débitos por outros meios, que estão, como é óbvio, previstos na lei de causa e efeito. Por via de consequência, o obsessor, em observando a nova conduta daquele que foi possivelmente seu algoz ou comparsa, acabará por se convencer da inutilidade de seus propósitos, e embora venha ainda a perturbar -lhe a existência, não conseguirá instalar sua onda mental de forma a que lhe subjugu a vontade e a razão.

Outra situação, todavia, poderá ocorrer. Quando a pessoa, da qual o obsessor quer vingar-se, seja descrente da bondade divina, não cultivando a fé, dando campo às suas imperfeições que ressumam em forma de conduta maldosa, na qual estejam presente a inveja, a intriga, a agressividade e a violência, ou tenha uma conduta desequilibrada em que pontifiquem os vícios e os desregramentos, aí, sim, o campo espiritual será propício para a instalação de influências mentais negativas e obsessões de maior ou menor gravidade.

O processo obsessivo que leva uma criatura ao suicídio é, portanto, extremamente grave e evidencia estar no nível de subjugação mental e espiritual.

Recomendamos para maior aprofundamento desse importante assunto, inclusive com minuciosa abordagem sobre as gravíssimas consequências espirituais que o suicídio acarreta, a magistral obra psicografada pela médium Yvonne Pereira, *Memórias de um suicida* (FEB).

Cap.6 – Autismo

Esclarecimentos do Dr. Jano Alves de Souza:

O autismo é uma desordem do desenvolvimento do funcionamento cerebral relativamente frequente, acometendo dois a cinco indivíduos em cada dez mil. O quadro clínico é marcado por um comprometimento grave da interação social e da linguagem verbal e não verbal, além de um estreitamento do espectro de interesses e atividades, iniciando antes dos três anos de vida. O retardo mental, embora frequente, não é um aspecto obrigatório, havendo indivíduos que revelam capacidade prodigiosa para funções como memorização, cálculos e música, a despeito de conservarem suas características autísticas.⁴⁹

49. In: Hermínio C. Miranda, *Autismo - uma leitura espiritual*.

Em 1943, Leo Kanner, em seu clássico ensaio *“Autistic disturbances of affective contact”* (“Distúrbios autísticos de contato afetivo”), cunhou o termo “autismo infantil” e forneceu uma descrição clara e abrangente da síndrome da primeira infância. Ele descreveu crianças que exibiam extrema solidão autista, incapacidade para assumir uma postura antecipatória, desenvolvimento da linguagem atrasado ou desviante, com ecolalia e inversão de pronomes (usando “você” por “eu”), repetições monótonas de sons ou expressões verbais, excelente memória de repetição, limitação na variedade de atividades espontâneas, estereotipias e maneirismos, pavor de mudanças, relações anormais com pessoas e preferências por figuras ou objetos inanimados, [CP]

Informa o CP que o autismo é encontrado com maior frequência em meninos.

Etiologia - o transtorno autista é um transtorno do desenvolvimento e do comportamento.

Há uma tendência em se considerar o transtorno autista associado a condições com lesões neurológicas, especialmente rubéola congênita, como também sugere que as complicações da gravidez o possam propiciar, significando, nesse caso, anormalidades nas migrações celulares nos primeiros meses de gestação, [CP]

Outras anormalidades estão sendo pesquisadas, inclusive as bioquímicas.

O autismo na visão espírita

O consagrado escritor espírita Hermínio Miranda reúne em sua magistral obra *Autismo - uma leitura espiritual*, diferentes e excelentes pesquisas de famosos especialistas acerca do assunto, comentando-as e apresentando, inclusive, depoimentos de pessoas autistas e, por sua vez, trazendo a abordagem espiritual desse transtorno. Essa obra é leitura obrigatória para aqueles que desejem inteirar-se a respeito do tema.

Ao narrar casos de autistas, cita, dentre outros, o de Temple Grandin, uma das mais notáveis autistas de que se tem conhecimento.

A própria Temple descreve a sua condição de autista em seu primeiro livro, escrito em parceria com Margareth M. Scariano, e que, segundo Hermínio, é um dramático e comovido depoimento.

A despeito de sua condição, Temple conquistou um PhD em ciência animal, leciona na Colorado State University e se tornou uma empresária muito bem-sucedida: um terço de todas as instalações da poderosa indústria da carne nos Estados Unidos foi projetado por ela.

Relatando o seu caso pessoal, Temple Grandin assinala que o notável educador William Carlock (de Berry Creek, Califórnia) é um dos responsáveis pelo seu êxito em canalizar as fixações autistas para projetos construtivos. Ela enfatiza que Carlock “não tentou arrastar-me para o mundo dele, mas, em vez disso, veio para o meu mundo”.

Temple considera a si própria como uma evidência de que “certas características do autismo podem ser modificadas e controladas”. Explica que é possível alcançar um nível razoável de funcionamento nas “crianças autistas que adquirem significativa destreza verbal antes dos cinco anos de idade”.

Ao focar o aspecto espiritual, Hermínio Miranda cita que a doutora Helen Wambach admite conotações çármicas. no autismo e “sugeriu, na década de 1970, que o autismo poderia sinalizar uma rejeição à reencarnação, ou seja, a uma nova existência terrena”.

Comentando a interface espiritual do autismo, Hermínio discorre sobre o espírito, perispírito, mente, a realidade espiritual, encaminhando o leitor para a lógica argumentação do espiritismo.

Ao apresentar suas conclusões, o autor ressalta:

Estou convencido de que avanços mais significativos na melhor definição da etiologia do autismo continuem na dependência da aceitação do ser humano como entidade espiritual preexistente, sobrevivente e reencarnante. Essa realidade constitui, a meu ver, um conjunto inseparável de fenômenos e conceitos insuscetíveis de utilização isolada. Ela precisa ser aceita em bloco, sem mutilações. Isso não significa que a

ciência deva adotar conceitos teológicos. E nem precisa fazê-lo, ainda que isto seja desejável. Que trabalhe apenas com as evidências que, certamente, encontrará.

Em outro aspecto importante da conclusão menciona:

Há que se considerar, ainda, o problema ainda não examinado, de um componente mediúnico no autista, ou seja, a existência nele ou nela de faculdades extrassensórias. Destaco esse aspecto para item especial porque sua abordagem implica adoção, muito mais traumática para o ambiente científico, da realidade espiritual, que tem sido sistematicamente ignorada.⁵⁰

Apraz-nos citar agora a palavra de Chico Xavier sobre o autismo.

Conta o escritor Carlos Baccelli, que, num sábado de 1981, no Grupo Espírita da Prece, aproximou-se do Chico um casal, o pai levando nos braços uma criança de um ano e meio de idade, acompanhados por conhecido médico espírita de Uberaba. Este, adiantando-se, explicou o caso ao médium: a criança, desde o nascimento, sofria de convulsões, tendo que ficar sob controle de medicamentos, o que a fazia permanecer dormindo a maior parte do tempo e por consequência ela mal engatinhava e não falava.

Chico perguntou ao médico qual era o seu diagnóstico, sendo informado que ele considerava ser um caso de autismo. Chico apoiou, dizendo ser acertada a conclusão e após conversarem um pouco a respeito da medicação, o médium recomendou o tratamento de pass.es, que muito atenuariam o caso e ali mesmo orou em favor do pequeno enfermo.

Os pais retiraram-se reconfortados. Chico, voltando-se para o médico e outros companheiros presentes, passou a tecer explicações em torno do autismo. Vejamos como ele ensina:

O autismo é um caso muito sério, podendo ser considerado uma verdadeira calamidade. Tanto envolve crianças quanto adultos... Os médiuns também, por vezes, principalmente os solteiros, sofrem desse mal, pois que vivem sintonizados com o mundo espiritual, desinteressando-se da Terra.

É preciso que alguma coisa nos prenda no mundo, porque senão perdemos a vontade de permanecer no corpo...

Vejam bem: o que é que me interessa na Terra? A não ser a tarefa mediúnica, nada mais. Dinheiro, eu só quero o necessário para sobreviver; casa, eu não tenho o que fazer com mais de uma... Então eu procuro me interessar pelos meus gatos e cachorros. Quando um adocece ou morre eu choro muito, porque se eu não me ligar em alguma coisa eu deixo vocês...

Ele ainda considerou que,

muitos casos de suicídios têm as suas raízes no autismo, porque a pessoa vai perdendo o interesse pela vida e inconscientemente deseja retornar à pátria espiritual, e, para se libertar do corpo, que considera uma verdadeira prisão, força as portas de saída.

E o Chico falou ao médico:

É preciso que os pais dessa criança conversem muito com ela, principalmente a mãe. É necessário chamar o Espírito para o corpo. Se não agirmos assim, muitos Espíritos não permanecerão na carne, porque a reencarnação para eles é muito dolorosa.

Concluindo, Baccelli diz:

O Espírito daquela criança sacudia o corpo que convulsionava, na ânsia de libertar-se. Sem dúvida, era preciso convencer o Espírito a ficar. Tentar dizer-lhe que a Terra não é tão cruel assim. Que precisamos trabalhar pela melhoria do homem.⁵¹

A respeito do autismo, encontramos preciosa elucidação do instrutor espiritual Manoel Philomeno de Miranda, na obra *Loucura e obsessão*, que ao narrar o caso de Aderson classifica-o como fenômeno auto-obsessivo, cujas características são bem marcantes.

Ele menciona que Aderson padecia de autismo grave e bem avançado e que mereceu atenção e cuidados do Dr. Bezerra de Menezes. Este esclarece os motivos que levaram o enfermo a tal situação, enfatizando ser um processo de autopunição decorrente de crimes perpretados em existência anterior.⁵²

52. Divaldo Franco, Manoel Philomeno de Miranda (Espírito), *Loucura e obsessão*.

Cap.9 – Transtornos Mentais na Infância

SÃO DOLOROSOS OS CASOS DE TRANSTORNOS MENTAIS na infância, alguns a se manifestar desde o berço, acarretando para a criança e seus pais sofrimentos e preocupações constantes.

A psiquiatria abrange vasta área desses problemas infantis e é extensa a classificação das categorias psicopatológicas, dentre as quais incluem-se: disfunção cerebral orgânica, transtorno de personalidade, ansiedade e conflito neurótico, transtorno do humor, problemas de temperamento, retardo mental, depressão repetida e excessiva, transtorno do desenvolvimento etc. [CP]

Deixamos de citar uma relação de 35 síndromes mais graves associadas com deficiências múltiplas, que o CP apresenta, além de outras.

O autismo infantil, mencionado em capítulo anterior, é considerado como decorrente de causas neurológicas. A esquizofrenia raramente se inicia na infância, e quando isto ocorre é a partir dos cinco anos de idade.

Muitos desses transtornos do desenvolvimento infantil estão bastante relacionados com a psicologia, que consegue obter excelentes respostas quando no tratamento clínico.

Transtorno mental na infância e a visão espírita

Diante dessas situações extremamente aflitivas, que surgem quando do nascimento de um filho ou no período da infância, vêm também as perguntas angustiadas dos pais: Por quê? Por que o nosso filho? O que ele fez para merecer, o que fizemos nós? Por que Deus castiga assim as criancinhas?

Ao enfocarmos esse tema, mais do que nunca, deve-se ter em mente uma premissa básica: a criança é um Espírito reencarnado.

Isto porque ao vermos um bebê sendo embalado nos braços de sua mãe, ou quando esta o está ensinando os primeiros passos, momento em que a fragilidade da criança é tão visível, é difícil imaginarmos que ali está, de retorno ao proscênio terrestre, um Espírito com uma bagagem multimilenar.

Um bom observador, todavia, já anotaria alguns aspectos característicos dessa criança, a expressar-se no seu bom ou mau humor, no seu grau de irritabilidade, nas suas reações que o choro evidencia, ou no temperamento plácido, calmo, revelando assim os primeiros indícios, dos traços que irão compor-lhe a personalidade. Esses, em pouco tempo, serão marcantes, tornando-se peculiares a ponto de distinguir um ser humano do outro.

Hermínio Miranda escreveu um livro lindo e notável, chamando a atenção para esse fato cabal, *Nossos filhos são Espíritos*.

A compreensão profunda quanto a isso irá facilitar aos pais a aceitação de um filho que lhes chega aos braços apresentando terríveis e dolorosas patologias, ou as que se apresentem no decurso do tempo.

Quanto mais grave for o problema de que a criança é portadora, mais se evidencia a lógica dos esclarecimentos espíritas. Sem as chaves para o entendimento dos sofridos problemas humanos, Deus será sempre visto, percebido, admitido como alguém com muitos defeitos, pior que a maioria dos seus próprios filhos, pois é capaz de castigar crianças indefesas e frágeis, com os mais cruéis tormentos; será sempre acusado como responsável pelas calamidades existentes no nosso planeta e, ainda mais, pelos filhos também cruéis e cheios de defeitos que pôs no mundo para aterrorizar a vida daqueles que são inocentes, pacatos e que nada têm que ver com isso. Deus, assim, é um ser temível, aterrador, com

defeitos absurdos e, para nossa maior desgraça, não há nada que indique que Ele vá melhorar e se tornar pelo menos mais humano...

Outra, contudo, é a visão de Deus que o espiritismo proporciona, conforme fizemos menção, em páginas anteriores.

Em nosso atual estágio evolutivo temos Jesus, como modelo e guia, mais próximo a nós, que trouxe à humanidade a suprema mensagem de amor que jamais foi ensinada e exemplificada.

O Mestre ensinou que “devemos amar a Deus sobre todas as coisas”.

Onde houver, pois, a dor, a perda, o sofrimento, compreendamos que são nossas opções de ontem refletindo-se no hoje atormentado, que complicamos nossa vida e agora estamos diante do que semeamos. Mas, o Pai do céu, em Seu infinito amor, nos ampara e em Sua solicitude nos reergue para o recomeço, porque nenhuma de suas ovelhas se perderá.

A obsessão na infância

[...] todo berço de agora retrata o ontem que passou. EMMANUEL⁶⁶

66. Francisco C. Xavier, Emmanuel (Espírito), *Pensamento e vida*.

Os processos obsessivos podem acontecer também na fase infantil, assim como ocorre com os transtornos mentais e enfermidades diversas.

A respeito deste assunto, encontramos em *O livro dos Espíritos* preciosas elucidações quanto à criança. Vejamos, por exemplo, a afirmativa que se segue na questão 199-a:

Aliás não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão?

Donde a precoce perversidade, se não da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem, então, por efeito dessa falta de progresso, as consequências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores.

Cada Espírito reencarnado evidencia, pois, o seu patamar evolutivo. E Emmanuel acrescenta que cada individualidade renasce em ligação com os centros de vida invisível do qual procede, e continuará, de modo geral, a ser instrumento do conjunto em que mantém suas concepções e pensamentos habituais.⁶⁷

67. Francisco C. Xavier, Emmanuel (Espírito), *Roteiro*.

Assim, existem fatores predisponentes que possibilitam não apenas o assédio, mas igualmente a sintonia. Esta se faz automaticamente, por estar o Espírito recém-encarnado na mesma frequência vibratória daqueles que intentam perturbá-lo. Tanto em adultos quanto em crianças os motivos e as causas são os mesmos.

Embora sejam muito dolorosas tais vivências em nosso plano terreno, é certo que são bem mais suportáveis que os sofrimentos que esses Espíritos padeciam antes de reencarnar. O novo corpo ameniza bastante os estados aflitivos em que se encontravam, que tinham sua nascente na própria consciência que o remorso calcinava, ou no ódio e revolta em que se consumiam. O renascimento e o esquecimento do passado propiciam-lhes considerável alívio, ainda que em situações difíceis por conta de um veículo físico que

apresente limitações. Os distúrbios mentais surgem em decorrência dessas mesmas experiências pregressas.

Em certos casos de maior gravidade pode haver a tendência para o suicídio. É o que informa Manoel Philomeno de Miranda (Espírito), ressaltando a possibilidade de que os distúrbios serotônicos sejam os responsáveis pelo impulso suicida, mas muitos outros fatores pesam consideravelmente, conforme relaciona. (Mencionamos outros aspectos no capítulo que trata dos transtornos psicóticos).

Na sequência, Miranda cita o dramático problema do suicídio na infância. Observemos suas ponderações, quando, ao referir-se ao suicídio, aduz que este “assume gravidade e constrangimento maiores, quando crianças, que ainda não dispõem do discernimento, optam pela aberrante decisão”, citando fatores que podem contribuir para isso:

Amadurecidas precipitadamente, em razão dos lares desajustados e das famílias desorganizadas; atiradas à agressividade e aos jogos fortes que a atual sociedade lhes brinda, extirpando-lhes a infância não vivida, sobrecarregam-se de angústias e frustrações que as desgastam, retirando-lhes da paisagem mental a esperança e o amor. Vazias, desprovidas do afeto que alimenta os centros vitais de energia e beleza, veem-se sem rumo, fugindo, desditosas, pela porta mentirosa do suicídio.

Ademais, grande número delas, suicidas do passado, renascem com as impressões do gesto anterior, e porque desarmadas, na sua quase totalidade, de equilíbrio, vendo, ouvindo e participando dos dramas em que se enleiam os adultos que as não respeitam, antes considerando-as pesados ônus que devem pagar, repetem o ato infeliz, tombando nas refregas de dor, que posteriormente as trarão de volta em expiações muito laçeradoras.

Uma análise mais íntima do fenômeno autodestruidor leva também a sutis ou violentas obsessões que o amor enlouquecido e o ódio devastador fomentam, além da cortina carnal.⁶⁸

68. Divaldo Franco, Manoel Philomeno de Miranda (Espírito), *Temas da vida e da morte*.

Complementando as elucidações sobre o tema, passamos a palavra a Carneiro de Campos que nos informa:

A visão do espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu o débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso, propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras. Adimp_s_a terapia dp ampr dps pais e demais familiares envplvidps np drama que afeta a criança.⁶⁹

Na Sociedade Espírita Joanna de Ângelis, onde atuamos, foi criado um atendimento específico para crianças que denominamos tratamento espiritual da criança - TEC. Em horário próprio, elas recebem a fluidoterapia, associada ao acompanhamento também aos pais, por meio de entrevistas e de orientações que se façam necessárias. Para isso há uma equipe específica. No TEC são atendidas crianças com todo tipo de problemas e enfermidades. Os resultados têm sido excelentes e os creditamos à equipe espiritual, pois sem a assessoria imprescindível dos benfeitores pouco podemos realizar.

Também foi criado um atendimento específico aos adolescentes, com a necessária adequação própria a essa faixa etária, e nesse caso sob a orientação de médica espírita especializada.

69. Divaldo Franco, Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Trilhas da libertação*.

Espiritismo e Criminologia

Deolindo Amorim

II Equívocos de Alguns Especialistas §12

Artur Ramos endossou a opinião de G. Lawton (*The psychology of spiritualist médiums*), segundo a qual existem duas classes de mediunidade: *self-mediumship* (auto-mediunidade) e *meaiumship for others* “mediunidade para os outros”). Veja-se agora a influência de Freud no pensamento de Artur Ramos. Diz ele: *No primeiro caso (auto-mediunidade) o médium assinala-se por uma personalidade autística, de complexos recalçados, sentimento de culpa, estado de dependência e fuga da realidade.* (10)

(10) Artur RAMOS — Introdução à Psicologia Social. (Edição <in «Casa do Estudante» — Rio)

Ora, as experiências espíritas, já documentadas, provam que a explicação de Lawton, esposada por Artur Ramos, não correspondem, de forma alguma, às verdadeiras características da mediunidade. Quer o ilustre Professor colocar o *médium* no mesmo pé de igualdade do tipo freudiano, como seus “complexos recalçados”, “sentimento de culpa”, fuga da realidade”. Logo pela terminologia, percebe-se que o mestre brasileiro, até aí, ainda se prende, espiritualmente, à escola de Freud. Todavia, pelo que já se verificou, em numerosas experiências espíritas, os médiums, convenientemente examinados, não apresentam sintomas de “complexos recalçados” nem de “fuga da realidade”. Há médiums muito sensíveis, como há, realmente, médiums místicos e nevropatas, mas a mediunidade em si não está na dependência desses sintomas. Incluir a mediunidade no quadro da *auto-hipnose* ou da *hipnose provocada* é prejudicar com muito radicalismo, em desfavor da verdade, porque o fenômeno tipicamente mediúnico é muito diferente do fenômeno da hipnose, em qualquer de suas formas. Não é possível, portanto, estudar a mediunidade em termos de psicanálise.

Os raciocínios de nossos especialistas não alcançaram, como se vê, a generalidade do problema mediúnico, por que as suas conclusões, na maioria dos casos, ficaram circunscritas exclusivamente ao campo de possibilidade do método psicológico. Não foram além da área de suas especializações. É indispensável observar, entretanto, que o instrumento do psicólogo ou do psicanalista não é nem pode ser inteiramente apropriado à sondagem de um domínio de conhecimentos tão sutil, tão complexo e tão sujeito a imprevistos, como a mediunidade. Refere-se o Professor Artur Ramos, por exemplo, à “personalidade autística” do médium, e diz que essa personalidade se define pelos “complexos recalçados”. Em termos claros, nada definido. Que quer dizer “personalidade autística”? É a personalidade característica dos indivíduos que, tornando-se muito *ensimesmados*, preferem *viver para dentro*, como se diz em linguagem comum. O autismo é uma forma de introversão. Este fenômeno não tem relação com a mediunidade, porque é inerente a certos estados psicológicos.

Tendo-se colocado, entretanto, sob o ponto de vista estritamente psicológico, e com indisfarçáveis dosagens de psicanálise, Artur Ramos associou a personalidade *autística* à personalidade do médium, no que foi infeliz. (B) Se, indiscutivelmente, há médiums que, por outros motivos, têm personalidade diferente ou chegam a denunciar um excentrismo francamente esquisito, isto não significa, de forma alguma, que seja o traço comum à totalidade dos médiums. Infelizmente, porém, muitos Autores, e dos mais eruditos, tendo observado alguns tipos psicológicos, notaram certas anormalidades e confundiram todos estes tipos com os médiums. A visão limitada do especialista, em determinados casos, está

sujeita à reduções muito perigosas, porque podem deformar a realidade. É o que se verifica no tocante à mediunidade, quando alguns experimentadores, como Artur Ramos e outros igualmente notáveis, se amoldam demais ao círculo da cultura especializada e querem, deste modo, explicar os mais variados fenômenos psíquicos pela Psicologia, pela Psiquiatria etc. A mediunidade ultrapassa as fronteiras da Psicologia, como de outras disciplinas acadêmicas.

- Anotações -

Notas de Acréscimo à Segunda Edição – B Personalidade autística do médium

O que Lawton distingue como “auto-mediunidade” e “mediunidade para os outros (cf. de Artur Ramos), está na ordem de duas categorias de fenômenos muito estudados no meio espírita: os fenômenos subjetivos, que se passam com o próprio *sujeito* ou paciente, e os fenômenos objetivos, que se exteriorizam. Richet, Aksakof e Bozzano, por exemplo, deixaram trabalhos considerados clássicos sobre o assunto. Aksakof ainda faz uma divisão mais minuciosa, como já sabem quantos lidam com a literatura espírita. Dá o nome de *personismo* aos fenômenos inconscientes, circunscritos à “esfera corpórea do médium”, isto é, “a apropriação (ou adoção) do nome e muitas vezes do caráter de uma personalidade estranha à do médium”. Em termos práticos: o ser *vivo* pode produzir fenômenos inconscientes, através da escrita ou oralmente, muitas vezes revelando conhecimentos que não possui no estado normal ou assumindo postura que não combinam com a sua personalidade; do mesmo modo, ainda na classificação de Aksakof, o *sujet* pode desdobrar-se psiquicamente e aparecer ao mesmo tempo em dois lugares (bicorporeidade), como pode deslocar objetos sem contatos, projetar o seu pensamento sobre pessoas distantes e produzir muitos outros fenômenos exteriores. É precisamente o que Aksakof chama de *Animismo*. Esta categoria de fenômenos constitui, pois, um dos capítulos mais conhecidos em Espiritismo. Quanto à “personalidade autística” dos médiuns, segundo o Prof. Artur Ramos, parece-nos que as suas anotações neste campo se limitaram a certos casos especiais. Nunca seria possível generalizar neste ponto. Que vem a ser *autismo*? É uma forma de introversão doentia. Então, personalidade autista é aquela que não se comunica, porque foge à convivência. É característica dos tipos que “vivem para dentro”, como se diz em linguagem comum, justamente porque têm alguma deficiência ou guardam ressentimentos recônditos ou têm medo de alguma coisa que não sabem explicar. Seria este o traço psicológico dos médiuns em geral. Não! Há médiuns retraídos, às vezes demais, porque se *interiorizam* muito, mas muitos outros médiuns são extrovertidos, alegres, muito comunicativos. Conseqüentemente, o *autismo* porventura observado neste ou naquele médium não é uma característica da mediunidade, mas uma expressão individual, um modo de ser.

Nos casos de médiuns *fechados* à comunicação por serem inadaptáveis à vida em grupo, em razão de recalques ou “sentimento de culpa”, seja o que seja, o caso é mais clínico ou psicológico. O problema não é da mediunidade, pois o indivíduo não é introspectivo por ser médium, mas por outros motivos. O fato de ser médium é simplesmente uma coincidência. Não se pode, finalmente, aferir a mediunidade pela “personalidade autística”.

Visão Espírita nas Distonias Mentais

Jorge Andréa

Capítulo II

Biótipos Psicológicos. Doenças Psicossomáticas, Reflexos Cármicos. Biorritmos. Registros Cerebrais

Os diversos campos do psiquismo variam funcionalmente de indivíduo para indivíduo. Cada um de nós possui as suas nuances de energia psíquica, definindo tons próprios, o que dá uma variedade imensa de tipos psicológicos. Por isso, jamais conseguiremos definir padrões dentro duma classificação ou esquema por mais perfeita que seja. Possível, no entanto, identificar, segundo a atitude (pensamento junguiano), os indivíduos em duas grandes classes: o tipo psicológico extrovertido e o tipo introvertido, com seus respectivos graus intermediários.

O extrovertido em face do objeto possui uma reação positiva, dando-se o contrário com o introvertido. O primeiro, por tomar diretrizes em relação ao objeto, acoita as normas e o espírito da época; o segundo, por estar na dependência mais de fatores subjetivos, adapta-se com dificuldade ao mundo exterior, dando ao objeto um interesse escasso, bastante apagado em alguns indivíduos. Bem claro que existindo variações de toda ordem, essa apreciação denota uma tentativa de abordagem e definição.

O extrovertido liga-se quase que imediatamente aos objetos que lhe chamam atenção, ao contrário do introvertido, que estanca a fim de analisar o objeto que o está atraindo. O extrovertido é comunicativo; o introvertido, reservado. O extrovertido, apesar de atar-se facilmente aos objetos de sua atenção momentânea, com mais facilidade desloca o seu interesse para outro objeto; o introvertido, após análise atenciosa, fixa-se por mais tempo ao objeto. O extrovertido é lábil nas emoções; o introvertido, conservador das emoções.

Considerando-se estas duas grandes classificações psicológicas: extrovertidos e introvertidos, podemos completá-las, admitindo para ambos os tipos: infranormais, intermediários e supranormais. Logo, existirá entre os extrovertidos e introvertidos, indivíduos psicologicamente deficientes (infranormais ou anormais), indivíduos comuns que representam a média da humanidade (normais ou intermediários) e indivíduos de grandes possibilidades psíquicas, onde poderemos enquadrar os gênios, artistas célebres, etc. (supranormais). Com essa maneira de ver, teremos uma base para estudos psicológicos individualizados, nos quais temos obrigação de oferecer um sentido mais preciso à pesquisa e à experimentação. Entretanto, sabemos que os diversos degraus de mentalidade, dos infra aos supranormais, estarão na dependência das condições evolutivas do reencarnante. É a estrutura dos núcleos-em-potenciação que demarcarão nas telas neuronais os impulsos já construídos no Espírito.

Os dois tipos, extro e introvertidos, ainda estão sujeitos a variações de acordo com as diversas épocas da vida; é muito mais comum encontrarmos o tipo extrovertido na juventude, e o introvertido, na velhice. Mais ainda, devemos considerar as alegrias intensas, dores de todo caráter e modalidade, e outras emoções marcantes, como elementos preponderantes das alterações e variações do tipo psicológico. Enfim, o tipo psicológico, cujo aspecto consciente (personalidade) é reflexo da zona inconsciente (individualidade), ainda sofre oscilações e mutações, caldeados pelo nível social e espiritual em que se encontra o indivíduo.

Por tudo isso, podemos avaliar a diversidade que o psiquismo humano poderá apresentar de indivíduo para indivíduo, e para enquadrá-lo num esquema descritivo teremos que simplificá-lo ao máximo, abordando pontos comuns e orientando caminhos particularizados. O ser que vem à Terra, a fim de ocupar nova estrutura material, será a combinação dos genitores e a sua própria condição espiritual. As demarcações mais acentuadas se fazem às expensas do Espírito reencarnante, porquanto, nele implantados estarão os fatores adquiridos nas vivências passadas; são as chamadas reações cármicas, de modo positivo ou negativo, a atingirem os diversos pontos do departamento orgânico.

Dentro do mesmo critério, isto é, dos extrovertidos e introvertidos, especificamente na área psicopatológica, muitas apreciações de biótipos tomaram-se marcantes diante do tônus afetivo do ser, isto é, do seu respectivo humor fundamental. Tentando simplificar

essas idéias, poderemos relacionar os indivíduos em dois grandes grupos: os ciclotímicos e os esquizotímicos.

Os ciclotímicos estão voltados para o meio exterior; por isso, sociáveis, alegres e realistas, com capacidade de intensa mobilidade psíquica em face das excitações externas. Isto lhes dá condições de fácil oscilação entre alegria e tristeza.

Os esquizotímicos possuem pobre e reservada expressão de sensibilidade; por isso, estão sempre distantes, pouco sociáveis, de humor frio, condicionando um natural retraimento a ponto de refletirem reduzidos e inadequados intercâmbios psíquicos.

As mudanças de humor, em tonalidades várias, são observadas nas doenças mentais, em suas diversas angulações, permitindo muitos registros, onde salientamos: humor melancólico, com bloqueios depressivos diversos; humor maníaco, com euforia doentia e às vezes dispersão de idéias pela velocidade de pensamentos; humor esquizofrênico, onde impera a apatia, com indiferença afetiva a refletir-se em desinteresse total, impulsionando o indivíduo para um mundo interno, geralmente intenso e enigmático, verdadeira posição autista. Na posição de autismo, o indivíduo projeta-se a um total retraimento com difíceis e, às vezes, impossíveis condições de comunicabilidade. Alguns seres já chegam à cena reencarnatória em franco autismo e recusa total à vida. A psicopatologia tem apreciado várias interpretações que não atendem aos porquês. O mundo espiritual, aqui e ali, tem informado que a condição autista desde o nascimento seria o resultado da revolta do Espírito diante de uma imposição reencarnatória; bem claro que, além disso, estarão presentes reações como respostas de uma vida pretérita distoante.

Apesar das compreensíveis variações que os biótipos oferecem, tudo isso fala em favor, não propriamente de imposições determinísticas, mas em prováveis fatores que a organização espiritual consegue imprimir durante o processo renovatório da reencarnação (morfogênese). O indivíduo carrega no próprio Espírito não só as suas deficiências, mas, também, o positivo que o passado demarcou. As sombras ou as luzes, na estrutura do Espírito, serão consequência das vivências pretéritas.

Diante de tais fatos, os biótipos psicológicos possuem certos fatores que poderíamos denominar impositivos, no sentido de mais facilmente serem tendentes aos grupos de deficiências ou mesmo de doenças. Também, muitos valores positivos são como que mais facilmente ativados em alguns biótipos. Muitas vezes as tendências se fazem tão expressivas e gritantes, que deixam sem explicações os pesquisadores que se dedicaram à temática da herança, nos conhecidos capítulos da genética. Toma-se impossível explicar certas explosões de genialidade, em determinada pessoa, através da herança familiar, porquanto notifica-se a ausência, em várias gerações pretéritas, da referida tendência.

Podemos dizer que a zona do inconsciente, influenciando no processo da herança, seria uma zona construída pelas experiências que se perdem na noite dos tempos, todas calcadas nos diversos corpos físicos (personalidades) que ocupou e continua ocupando na trilha evolutiva. O Espírito necessita das imensas experiências, como lastros de aptidões, a fim de que, numa determinada etapa reencarnatória, possa oferecer tais condições de criatividade, como elaboração alicerçada no acúmulo de qualidades; aconteceria como que um real ajuntamento de proposições que, no cadinho das específicas reações psicológicas, em determinada época jorrasse, em torrente, por necessidade de equilíbrio psíquico. Esta torrente seria tanto mais harmônica e bela, quanto mais plena de experiências construtivas for lastreado o Espírito. Compreende-se, perfeitamente, se não houver um ajustamento adequado de qualidades, que a zona espiritual só poderá oferecer pequenos fragmentos, até mesmo sem sentido, de algo que está por derramar, que se desgarrou do conjunto, ainda não bem elaborada.

O processo de deságue pode dar-se ordenadamente ou mesmo com certo “atropelo”, traduzindo, na zona consciente, algo harmônico e belo, ou com reflexos destoantes. É bem lógico que o mecanismo em pauta estaria relacionado com o grau de evolução e consequente biótipo psicológico de determinado ser encarnado, considerando-se, também, os aspectos das influências externas que propiciam experiências, principalmente aquelas relacionadas com a conduta educacional.

Os introvertidos carregam um mundo interno bastante ativo, em complexas lucubrações

de difíceis avaliações. Quando esses indivíduos possuem qualidades e lastros autenticamente positivos, os seus “derrames psicológicos” refletem-se nas grandes criações da literatura, da pintura, da música, etc. Poderíamos dizer que o indivíduo encontra-se em plena “explosão anímica”; são criações próprias a despontarem da intimidade do Espírito. É como se o indivíduo estivesse em biorritmo de avançado grau, preparando e adaptando a zona consciente para receber os acordes mais altos da vida. Nesse preparo, haveria uma ampliação de campo, uma busca de um horizonte maior; é como se a zona consciente se transformasse: haveria dilatações, expansões, salto e avanço em dimensão superior, buscando associações, por sintonizações, com blocos energéticos espirituais afins. A resposta não se faz tardar; será imediata. Vibrações semelhantes logo se entrosam, e toda a fenomenologia que se mostrava, inicialmente, anímica (do próprio ser), passa a ser uma associação com erírgias semelhantes, dando ao fenômeno uma conotação anímico-mediúcnica. Não seria um processo mediúnico conhecido como de mediunidade receptiva, onde o ser recebe o que lhe oferecem; mas, um tipo de sensibilidade mediúcnica captativa, onde o ser vai captar, pelo impulso anímico que consigo carrega, sem as mensurações da zona consciente, vibrações superiores. O ser na sua paradisíaca sensação do belo, de algo que transcende os conceitos elaborativos da zona consciente, procura penetrar esses eventos-sensações, com eles convivendo, e de lá retirando, intuitivamente, o manancial para as suas construções mentais que a posição superconsciente propiciou. A zona consciente, diante de tamanha peripécia psicológica, fica inundada da essência dos eventos, e o indivíduo, mais comumente do que parece, grava as “sensações-êxtases” de bem-estar que os avanços realizadores propiciam.

Os vãos do Espírito são imensos em seus graus e variações, tudo a depender de um grandioso processo elaborativo diante do rosário de vivências na matéria. De reencarnação em reencarnação, o Espírito vai elaborando as suas aquisições, cujas aptidões alcançadas no incontável tempo das sedimentações experienciais se vão transformando num bloco energético de potencialidades; estas, por sua vez, vão incentivando as telas reflexivas da consciência na busca de novos horizontes, cada vez mais claros e luminosos, transformando as sombras e dores do passado em sementes elaborativas de uma ainda imortalidade incompreendida e infinita. É, justamente, na construção do próprio corpo físico que o Espírito encontra o exaustor ideal para a sua depuração, caso existam negatividades. Pelo visto, o processo reencarnatório não será tão-somente condição de pagamento das deficiências passadas, mas, principalmente, fatores de imissão evolutiva.

Viver em Plenitude

Richard Simonetti

SE A ALMA NÃO É PEQUENA

Pode o Espírito apressar ou retardar o momento da sua *reencarnação*?

Pode apressá-lo, atraindo-o por um desejo ardente.

Pode igualmente distanciá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes. Nenhum, porém, assim procede impunemente, visto que sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de curá-lo.

Questão nº 332

Nem sempre as pessoas fazem o que querem; nem sempre querem o que fazem.
A criança gostaria de ficar brincando. Os pais impõem-lhe a escola, em seu próprio benefício.

O doente não tem nenhuma disposição para internar-se no hospital. Inadiável, porém, a cirurgia para debelar o mal que se agrava.

O operário preferiria o clube. Impossível. A família depende de sua atividade profissional.

O condenado não sente vocação para permanecer segregado na prisão. Não obstante, há uma penalidade a ser cumprida.

Algo semelhante ocorre na experiência reencarnatória, *indispensável* recurso evolutivo no estágio em que nos encontramos.

Retornaremos à carne vezes sem conta, até que nos tornemos aspirantes à angelitude.

Espíritos imaturos estimariam permanecer “numa boa”, evitando as limitações da matéria, as complicações do esquecimento, os problemas de reconciliação com desafetos, o suor do rosto, as dores do mundo, as angústias existenciais...

Mesmo os mais esclarecidos encaram com relutância o retorno, embora conscientes de que, como diria Camões, reencarnar é preciso.

Não raro o Espírito sente se tão inseguro ou tão contrariado, reluta tanto que chega a rejeitar a experiência que se inicia. Dispara ele próprio problemas fetais que podem resultar no aborto.

Esta fuga acontece particularmente no início da gestação, quando tênues são os laços que o prendem ao corpo.

A gestante nem chegará a perceber, julgando-se às voltas com mero atraso no ciclo menstrual.

Há casos em que se consuma a reencarnação, mas o Espírito recusa-se à nova existência, originando um comportamento autista, como se buscasse esconder-se dentro de si mesmo.

Fácil concluir que reencarnar não é simples ligar de uma tomada. Há vários fatores que precisam ser harmonizados. Imperioso, sobretudo, trabalhar os pais para que se disponham ao encargo, evitando grave problema: a rejeição.

A jovem senhora vai buscar o resultado do teste de gravidez.

No papel que lhe é entregue destaca-se o desenho de uma cegonha carregando sorridente bebê, simpática maneira escolhida pelo laboratório para transmitir-lhe a notícia de que o resultado é positivo. Será novamente mãe.

- Meu Deus! Outro filho! Vai complicar!

A reação do marido é pior:

- Culpa sua! Bem avisei que não deveria interromper o uso das pílulas!

- E continuar engordando como suíno confinado!... Por que não fez você a vasectomia, como recomendou o médico?!

Acirra-se a discussão. O ambiente esquenta. Agridem-se verbalmente os cônjuges, trocando acusações e asperezas...

Pobre reencarnante!... Como se sentirá?

Um enjeitado, sem dúvida. Será difícil evitar a sedimentação da idéia de que o consideram um intruso, alguém que veio para atrapalhar, sem pedir licença.

E quanto a nós, qual teria sido a nossa motivação para o retorno à carne?
Não é difícil definir. Basta analisar como encaramos a existência.
Gastamos tempo a reclamar do cotidiano?
Damos guarida a mágoas e irritações?
Resvalamos para estados depressivos e angustiantes?
Desentendemo-nos frequentemente com pessoas de nossa convivência?
Sucedem-se, ininterruptos, desajustes físicos e psíquicos que nos incomodam?
Se a resposta é afirmativa, estamos numa “compulsória”. Reencarnamos meio “na marra”, como diz o povo.

Mas podemos mudar isso, considerando que é irrelevante como viemos. Importante é saber o que nos compete fazer na experiência humana.

Neste particular o Espiritismo tem muito a nos oferecer, ensinando-nos, sobretudo, que nossa vida será exatamente o que dela fizemos.

Por opção diária, não seja a Terra para nós uma jaula, uma prisão, um hospital, um reformatório...

Vejamo-la sempre como abençoada escola/oficina, onde nos compete valorizar todas as experiências em favor de nossa edificação.

Ensina Fernando Pessoa, o poeta filósofo:

“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”.

Dores e lutas, trabalhos e esforços a que somos chamados na Terra, desde o simples varrer de uma casa às funções mais complexas, *tudo vale a pena*, se desenvolvermos em nossa alma a grandeza necessária para enxergar a oportunidade de fazer sempre o melhor.

Diz André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

“Comece o dia à luz da oração. O amor de Deus nunca falha”.

Temos aqui a melhor maneira de iniciar as labutas diárias.

Em Deus está nossa força, nosso estímulo, nossa grandeza d’alma, para que valorizemos a hora que passa, fazendo o melhor.

Fundamental, neste particular, que não busquemos simplesmente os favores do Céu.

Não a oração de quem pede.

Mas a oração de quem oferece serviço.

Quem pede encontra, eventualmente, o Senhor.

Somente o que serve situa-se ao lado d’Ele.

Por isso, Francisco de Assis, que entendia de oração, dizia:

Senhor,

faze de mim um instrumento de tua paz!

onde houver ódio, que eu leve o amor,

onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

onde houver discórdia, que eu leve a união;

onde houver dúvidas, que eu leve a fé;
onde houver erros, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz!

Mestre,
faze com que eu procure menos
ser consolado que consolar,
ser compreendido que compreender,
ser amado do que amar...

Pois
é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
é morrendo que se vive para a vida eterna!

Infância e Mediunidade

Rafael de Figueiredo

8

A Explanação de Cristóvão

Conforme combinado, pontualmente encontramos-nos no plano espiritual de pequeno centro espírita. Na esfera extrafísica estávamos em grande construção espiritual, bem diferente da situação que constatávamos no plano material.

Reunidos, nos encaminhamos para pequeno auditório. Entramos em uma sala simples, cadeiras confortáveis comportavam o número de até cem espectadores. Sentamo-nos um ao lado do outro, ocupamos uma fileira de poltronas. Aos poucos o auditório foi enchendo.

Maximiliano comentou:

- Teremos a oportunidade de receber valiosos esclarecimentos na noite de hoje.

Esta atividade pertence a projeto amplo e muito bem coordenado pela espiritualidade, visa a difundir novas formas de compreensão das relações dos seres humanos entre si. Este projeto itinerante tem ocorrido em diferentes regiões do planeta, tem visitado diversas comunidades, independentemente das religiões professadas. Para tanto, busca adaptar-se às possibilidades e particularidades de cada agrupamento que visita.

No nosso caso, conforme o programa que me forneceram, acompanharemos a dissertação de um pesquisador, Cristóvão é seu nome; assumiu ele a função de transmitir os possíveis esclarecimentos a nossa região. São muitos os encarregados de tal tarefa, em cada local há um responsável que melhor se enquadre com o contexto do lugar. O

principal aspecto da reunião é tentar infundir nos espectadores a mesma mensagem em essência, mesmo que para isso utilizem diferentes formas.

Ao nosso redor muitos dos participantes da reunião estavam ainda encarnados. Existia um número bastante elevado de espectadores nessa situação.

Estas reuniões são exatamente para os encarnados. A espiritualidade quer que chegue até eles a mensagem a ser apresentada aqui. Os encarnados mais sensíveis, atuantes em diferentes áreas, encontram-se em grande quantidade entre nós na atividade de hoje, todos acompanhados de seus respectivos orientadores espirituais - Maximiliano explicou.

Eles devem fazer como nós, tentar transmitir estes ensinamentos aos encarnados? - indaguei curioso.

Sim e não. É característico da espiritualidade lançar ensinamentos semelhantes provindos de diferentes fontes em épocas bem definidas. Nem todos aqui irão escrever, falar ou sequer lembrar exatamente do que escutarão, porém, guardarão intuitivamente a essência da mensagem. Isto os deixará receptivos, pois quando entrarem em contato com estes esclarecimentos, poderão analisá-los com carinho e atenção. Muitos aqui são professores, psicólogos e psiquiatras, que, receptivos a nossa influência, recebem a oportunidade de participar da reunião. Este tipo de palestra já vem ocorrendo faz algum tempo, abordando diferentes temas, e continuará sendo repetida pelo tempo que se fizer necessário, até que todos os possíveis participantes tenham tomado contato com a proposta que a espiritualidade nos oportuniza - Maximiliano finalizou porque já tomava lugar o palestrante da noite.

Um homem de aparência simples aparentando quarenta anos aproximadamente colocou-se à frente de todos e iniciou sem delongas a explanação:

- Boa-noite, companheiros, que mais uma vez possamos ser abençoados pelo excelso Criador que nos idealizou no amor para o amor. Que estejamos todos dispostos ao constante aprendizado a que somos convidados a efetuar, que saibamos aproveitar as oportunidades que nos surgem para disseminar o bem entre nossos irmãos.

Sem prolongar-me demais gostaria que soubessem que me encontro incumbido da tarefa de repassar aos companheiros conhecimentos que nos foram oportunizados em circunstâncias semelhantes a essa. Pretendemos alimentar em todos os presentes novas aspirações, concepções que venham a permitir uma visualização do ser humano integral, possibilitando compreender que por detrás de um corpo perecível existe e ascende sobre ele um espírito imortal destinado ao progresso contínuo.

Vivemos um momento especial. Encontramo-nos em meio à tormenta da mudança. A ciência mecanicista dá seus últimos suspiros, diante dela erguem-se barreiras intransponíveis para os novos enigmas que atormentam os seres humanos. Suas respostas não mais saciam o desejo por conhecimento da humanidade. Pouco a pouco novos postulados, nas mais diferentes áreas do conhecimento, aproximam-se de desvendar a existência de uma inteligência que sobrevive à perenidade da matéria física.

Este período de transformações conclama-nos ao trabalho. Em diferentes ocasiões, atividades como a que podemos participar na noite de hoje nos inflamam o espírito à necessária mudança de paradigma. Encontram-se entre nós espíritos encarnados e desencarnados que atuam efetivamente vinculados a labor educativo e transformador de nossa sociedade. Assim como hoje somos estimulados em aspecto específico, diferentes companheiros também o são nas particularidades em que atuam.

Somos convidados a nos embrenhar em campo complexo, que nossos limitados recursos intelectuais ainda não conseguem contemplar eficientemente. Mas tal constatação não nos pode ser fator desmotivante, muito antes pelo contrário, pois estamos

recebendo amplo amparo superior. Amparo este que nos encaminha a novos conceitos, a uma nova interpretação da vida, que visa antes de tudo à possibilidade de nosso próprio melhoramento.

Os companheiros que aqui se encontram têm se deparado com enigmáticos problemas perante as atividades que desenvolvem junto à infância. As questões do espírito suscitam dramas de difícil encaminhamento por estarmos apoiados em nossa visão limitada pelos postulados de uma ciência que desconsidera o espírito.

Atualmente deparamo-nos com os difíceis casos de distúrbios de déficit de atenção, que ocorrem muitas vezes em associação com os problemas da hiperatividade. Somos orientados no plano físico por profissionais esforçados em sua maioria, dignos de verdadeiro reconhecimento, mas que veem com os olhos limitados da ciência antiga, que ainda descarta o espírito. Se conseguimos resultados efetivos no tratamento de tais problemas, nem sequer compreendemos o porquê que tal fato se deu, andamos em terreno ainda obscuro.

O esforço da espiritualidade fere o dogmatismo científico ainda vigente para que novas portas se abram nos permitindo oportunidades outras de esclarecimento.

Ao que sabemos, ainda limitadamente, o distúrbio de déficit de atenção, vulgarmente conhecido como DDA, ocorre como resultado de uma disfunção neurológica no córtex pré-frontal. Esta região é responsável pela racionalização dos estímulos que nos chegam, sejam eles externos ou internos.

Quando mantemo-nos concentrados em determinada atividade, nosso córtex pré-frontal envia sinais inibitórios para as outras áreas do cérebro, sossegando os demais estímulos que nos chegam para que possamos nos concentrar.

Incluindo a estes conceitos a realidade espiritual, enfatizamos que o excesso de ectoplasma possibilita uma maior excitabilidade, o que permitiria incremento na receptividade a estímulos por parte do encarnado. Captando estímulos em maior quantidade do que poderia assimilar, passaria a apresentar dificuldades para conseguir uma concentração adequada. Esta dificuldade de concentração vem sendo classificada oficialmente como distúrbio de déficit de atenção (DDA).

A ciência médica terrena constatou que o portador de DDA tem uma tendência à impulsividade, falar e agir sem pensar. Sabemos que o ectoplasma é o elo que permite a interação do perispírito com o corpo físico, havendo ectoplasma em abundância a possibilidade de interferência externa ou mesmo interna tende a acentuar. Em outras palavras, o encarnado tornar-se-ia mais influenciável aos elementos espirituais, atraindo-os para si conforme a conduta, o que o auxiliaria ou prejudicaria em consonância com os componentes envolvidos.

Um percentual muito elevado das crianças que apresentam DDA sofre igualmente com a hiperatividade⁶, constatou-se um índice próximo a cinquenta por cento dos casos. O excesso de ectoplasma hipersensibiliza o encarnado, que, por efeito do automatismo fisiológico, busca liberar a energia excedente como melhor conseguir.

⁶Também conhecido pela designação TDAH - Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade

Poderíamos então, a partir do que refletimos, afirmar que a hiperatividade tão badalada atualmente é provocada por obsessores? Provavelmente alguns dos irmãos presentes me fariam este questionamento.

É necessário que deixemos de responsabilizar os outros pelos problemas que nos acometem. As circunstâncias que nos colhem são fruto de nossa conduta atual e passada, assim como as companhias que atraímos para perto de nós.

Nem sempre haverá, junto à criança, a presença efetiva de um espírito galhofeiro lhe estimulando traquinagens. O ectoplasma em abundância oferece, ou melhor, amplia essa possibilidade, mas de forma alguma torna obrigatória sua ocorrência.

Grande parcela das crianças nesta situação atormenta os familiares e os professores com sua inquietude. O literal excesso de energia que apresentam exige elevada paciência daqueles que convivem com a criança. Exercício oportuno que somos chamados a praticar.

Os relatos de meninos e meninas que não conseguem parar quietos, chamando sempre a atenção, “podem” caracterizar uma atividade inconsciente comandada pelo automatismo perispírico no gasto de ectoplasma excedente, como enfatizamos anteriormente. Desta mesma forma são comuns relatos de crianças que vivem cantarolando fora do momento apropriado, ou ainda, balançando-se fortuitamente.

A presença de um espírito obsessivo estimularia e até mesmo dirigiria, conforme o caso, as ações da criança. Porém, tal fato só seria possível se houvesse sintonia entre o encarnado e o desencarnado, seria necessária uma similaridade fluidica entre os envolvidos.

É por estes aspectos que evidenciamos a importante função do lar, pois será aí e nos demais ambientes que a criança frequentar com assiduidade que poderá ela ser estimulada aos elevados valores morais. Valores esses que, se bem incentivados, afastarão a possibilidade de influências espirituais prejudiciais sobre a criança.

Lembremo-nos de que o ectoplasma relaciona-se com o metabolismo celular e necessita da corrente sanguínea para seu funcionamento. Por consequência, as variações da pressão circulatória influirão sobre a produção ectoplásmica. Atritos familiares poderiam servir para exemplificar situações que estimulariam estas alterações, somados ainda ao padrão mental, ' que caracteriza uma discussão acabaríamos por perpetrar um ciclo vicioso. Estaríamos diante de uma criança que, impulsionada pelo automatismo perispírico proveniente do excesso de ectoplasma, buscaria descarregar suas energias de qualquer maneira. Seu comportamento intranquilo afetaria aqueles que com ela convivessem, provavelmente os impacientando. Facilmente surgiriam os atritos, as discussões, que agravariam as crises, aumentando a energia ectoplásmica com necessidade de ser gasta. Tais distúrbios familiares teriam ainda a consequência, se extremados, de diluir qualquer barreira à ação vampirizadora.

Àqueles que não compreendem o que seja o vampirismo entendam que chamamos de vampiros os espíritos desencarnados que se aproveitam do ectoplasma dos encarnados na tentativa de reviverem sensações possíveis através do corpo físico. É muito comum entre aqueles irmãos encarnados muito afeitos aos excessos alimentares, aos usuários de drogas e praticantes do sexo desregrado.

A situação das crianças, que abordamos até agora, se presta muito a este tipo de relação caso não exista a devida proteção através da prece exemplificada pela conduta reta.

A palestra de Cristóvão seguiu ininterrupta por mais alguns minutos, e a seguir se colocou à disposição para oportunos questionamentos.

*

Foi um companheiro desencarnado que iniciou a rodada de indagações:

- Boa-noite, prezado irmão. Meu nome é Igor e fiquei intrigado com as colocações que fizestes a respeito da superprodução de ectoplasma. Saberá o irmão nos informar o que desencadeia esta produção orgânica excessiva?

Uma boa pergunta. Se não a fizessem, eu certamente chegaria nela. A compreensão dos fatores que dão origem a este funcionamento é chave mestra para evitar suas consequências desagradáveis.

Infelizmente, no nível evolutivo em que nos encontramos, ainda não possuímos recursos suficientes para compreender o perfeito funcionamento fisiológico da produção de ectoplasma. O mundo espiritual, em relação constante com os encarnados, tem feito grandes esforços de pesquisa para sanar estas dúvidas. É certo que espíritos discretos que nos orientam, provindos de esferas mais elevadas, possuem tais recursos de entendimento, mas por nossa debilitada condição moral ainda necessitamos de maior desenvolvimento neste sentido, para nos candidatar-mos a tal conhecimento. O conhecimento sem moralidade a direcioná-lo pode tornar-se desastroso nas mãos da humanidade encarnada e desencarnada.

- Para esboçar uma resposta razoável a seu questionamento - Cristóvão procurava dirigir sua atenção a todos que o observavam. Parecia querer prender a atenção de cada um de nós -, precisamos compreender que existem duas possibilidades maiores para esta ocorrência.

A primeira possibilidade diz respeito à prova ou programação prévia, em que o encarnado se fará portador da mediunidade para o crescimento íntimo e coletivo se souber dignificar tal oportunidade. Sabemos que o ectoplasma possibilita o controle do espírito sobre o corpo material, é este substrato semimaterial⁷ que permite a relação entre o corpo do espírito (perispírito) e seu corpo físico. É através do ectoplasma que o espírito desencarnado consegue utilizar os recursos do médium encarnado para efetuar suas comunicações. O ectoplasma presta-se para todas as manifestações espirituais de que tomamos conhecimento enquanto encarnados, mas destaque absoluto na mediunidade de efeitos físicos, como nos casos de materializações ou deslocamentos de objetos.

Em nossa segunda possibilidade, deparamo-nos com o fator , consequência. Sabemos que todo efeito tem uma causa originária, é neste fator que se prendem a maioria dos casos que observamos cotidianamente, porque estão quase sempre relacionados a uma consequência natural, oriunda das atitudes e dos pensamentos do espírito encarnado.

⁷ Por tratar-se de matéria em condição ainda pouco conhecida pela humanidade encarnada, preferimos usar o termo semimaterial

Nosso mundo celular, composto por inteligências rudimentares, acostumou-se a preservar a própria existência. As células, por imposição do automatismo fisiológico, que é aquisição espiritual, aprenderam a produzir ectoplasma para a manutenção da vida encarnada. Pavlov, fisiologista russo, com seu reflexo condicionado, nos demonstrou que tendemos a repetir lições e procedimentos uma vez que habitualmente executados. Nossas células são coordenadas inconscientemente por nós mesmos, por tratar-se de aquisição que efetuamos através de incursões evolutivas por outros reinos da natureza.

Em função deste mesmo reflexo condicionado, se nos mantivermos em uma condição de desregramento diário, abusando das possibilidades do veículo orgânico, forçaríamos as células a trabalhar aceleradamente visando à subsistência. Abusando de bebidas, drogas e outras formas de desgastar o próprio corpo, estimularíamos nossos companheiros celulares a fazer o que sabem, produziriam o ectoplasma necessário à manutenção da vida encarnada pelo período que conseguissem.

Em uma próxima encarnação, em função de nossa conduta, teríamos “viciado” as células a funcionar excessivamente, estariam condicionadas a lutar pela sobrevivência antecipadamente, produzindo ectoplasma em abundância mesmo que não houvesse essa necessidade. É por este fator que encontramos maiores índices de DDA e hiperatividade entre crianças, nelas o excedente se faz mais perceptível porque não cometem ainda grandes abusos com o corpo físico, não equilibrando, assim, a produção e a demanda. Somente um novo processo de condicionamento conseguiria imprimir nas células uma forma equilibrada de funcionamento, o que pode levar mais de uma encarnação para ser efetuado.

Poderíamos tratar também aqui do efeito contrário; ao invés do excesso de produção, lembrar da baixa produção de ectoplasma, que impossibilita um perfeito domínio do espírito sobre o corpo encarnado, caracterizando os casos de autismo.

Fica fácil de explicar o fator que origina este efeito se nos utilizarmos do caso do suicida consciente. Assim como o desregramento forçou as células a funcionar de maneira acelerada, o desejo de autoaniquilamento poderá imprimir sobre as células, em uma próxima existência, uma diretriz para que funcionem em níveis inferiores aos necessários. Se o espírito não quer existir, suas células recebem estímulo para não funcionarem bem. Isso dificulta a perfeita interação entre espírito e corpo. Na maioria das situações deste tipo, o espírito tem perfeita lucidez, mas seu corpo apresenta impossibilidade de demonstrar esta capacidade de entendimento, manifestando-se em variados níveis, desde o autismo em sua forma mais simplificada até mesmo as mais agravantes condições mentais⁸.

⁸ Condicionamentos comportamentais repercutiriam sobre o metabolismo celular, e, quando da formação de nova vestimenta biológica, alterariam nossa propensão às interações ambientais (agindo sobre a sensibilidade). Sem a direção moral adequada, tenderíamos a manifestar tais alterações sob a forma de distúrbios.

O mesmo companheiro de antes voltou a indagar:

Por que este desejo de morrer que o suicida apresenta não teve maior influência enquanto encarnado?

Cristóvão fora rápido em responder:

- O desejo do espírito encarnado não repercute de forma tão eficiente sobre as células do que quando desencarnado. O corpo físico, por ser constituído pela participação de individualidades em processo evolutivo, vincula-se ao princípio de autopreservação instintivo. O espírito acaba por entrar em conflito com seu próprio corpo, o que ameniza de certa forma consequências mais imediatas.

A ocorrência desta influência fica evidente nos casos de pacientes que se deixam morrer sem resistência orgânica alguma, suas funções orgânicas são enfraquecidas pela própria vontade de morrer. As células enfraquecidas por debilidade orgânica oferecem maior possibilidade de influência por parte do espírito que as dirige. Este desejo de autoextinção que o espírito carrega na mente será repassado, ainda no útero materno, no momento de sua concepção, para a nova vestimenta física, que sentirá todas essas impressões.

Cristóvão, com olhar percuciente buscava na plateia que o observava mais questionamentos. Outro espectador, desta vez encarnado, questionou:

Em ambas as situações, tanto no caso da produção excessiva de ectoplasma quanto na produção reduzida, tivemos como exemplo casos de suicídio, um consciente e outro inconsciente, pelo uso indisciplinado do corpo físico. Pergunto: o que concorre para esses efeitos diferenciados em situações de origem aparentemente tão semelhantes?

Bem - Cristóvão refletiu alguns segundos e respondeu -, o fator fundamental é a vontade que move o espírito perante suas ações. As repercussões que o espírito sofrerá em nova reencarnação se devem principalmente à impressão mental que carrega. Poderemos passar todos pelo mesmo evento, mas cada um de nós terá uma impressão e um entendimento diferente do mesmo. A lei de causa e efeito funciona conforme esses componentes íntimos, por isso se veem tantas variações de consequências para fatos que aparentemente se assemelham. É correto afirmar que cada um aqui presente levará uma visão diferenciada de nosso encontro, pois cada um de nós se deteve mais em determinado fato do que em outro. Ficou compreensível assim?

A explanação de Cristóvão fora simples e oportunizava amplo material para reflexão. Ficava fácil agora perceber por que dois criminosos que tivessem participado do mesmo crime, por exemplo, não necessariamente sofreriam com as mesmas consequências. E a gama de possibilidades aumenta ainda mais se levamos em consideração a oportuna direção planejada que nos influencia do mais alto para amenizar nossos deslizes com expiações vantajosas.

As dúvidas eram inúmeras, Cristóvão esclareceu mais alguns questionamentos. As perguntas passaram a enfocar as questões morais e educativas. Com humildade, nosso palestrante cedeu espaço à coordenadora da atividade da noite, que responderia às dúvidas relacionadas a esses temas.

Uma jovem desencarnada indagou primeiro.

Boa-noite, irmã Joana. Todos que estamos recebendo hoje a oportunidade de participar destes esclarecimentos encontramos de alguma maneira vinculados à nobre tarefa da educação. Perante os oportunos esclarecimentos que pudemos receber, qual seria a melhor maneira de nos conduzirmos em casos semelhantes?

A nobre irmã que conduzia os esclarecimentos do momento nos orientou:

- É importante que, enquanto encarnados, em convivência direta com crianças nestas condições, tenhamos a consciência de que as atitudes que essas crianças realizam têm grande parcela de espontaneidade. Na medida em que sofrem a influência do automatismo fisiológico, encontram-se sob jugo difícil de enfrentar, diminuindo as suas responsabilidades, mas não as isentando.

Porém, este fator de imposição instintiva que atinja o comportamento das crianças premidas portais circunstâncias não as exclui do empreendimento de esforço pessoal na busca pelo autocontrole. É preciso, portanto, de nossa parte, estimular a busca por esse equilíbrio íntimo. Demonstrar à criança que suas atitudes têm sempre consequências, fazer despertar nelas o sincero desejo de melhorar, explicando a necessidade dessa busca.

O autocontrole somente será possível se estiverem realmente imbuídos nesta conquista íntima. Todo automatismo nasce de uma adaptação que, por assimilação introspectiva, tornou-se inconsciente. Se o espírito destas crianças não encontrar forças para se mobilizar à mudança necessária, ela não acontecerá. Precisamos dirigir a principal atenção às causas e não exclusivamente aos efeitos, como estamos acostumados a fazer. Mas pensar nas causas originárias de tais distúrbios nos transfere para complexo assunto.

Todo distúrbio acontece devido a algum fator, que tem sua origem no próprio espírito, que sofre com o problema. Portanto, o espírito tem responsabilidade integral pelo que lhe causa incômodo e igualmente pela alteração deste quadro. Para compreendermos toda a teia de relações que remontam às mais antigas existências do ser na busca de solução, precisaria conhecer o passado totalizado de cada um dos envolvidos. Sabemos, porém, que não temos ainda capacidade de conhecer toda nossa história de quedas e

desacertos. O passado não é por nós conhecido por necessidade pessoal. Podemos garantir que ao remexer nas profundezas de nosso psiquismo saberíamos lidar com o que encontraríamos?

Por estas questões, mesmo na atualidade, com o advento da terapia de vidas passadas, a humanidade ainda não encontra condições de imiscuir-se efetivamente no pretérito do ser. Estamos diante de um processo de restabelecimento que somente acontecerá em longo prazo, com muito esforço da parte do envolvido e também daqueles que desejam auxiliar, vestidos ou despidos da matéria.

Não desanimemos, entretanto necessitamos estar cientes de que a justiça divina permanece sempre presente em nossas vidas. Não sendo possível encontrar o devido restabelecimento destas crianças, tenhamos a certeza de que qualquer esforço neste sentido lançará sementes para germinarem no amanhã.

De tudo que podemos destacar, o principal é muita paciência e carinho, o estímulo pela busca necessária do equilíbrio explicando que as atitudes impensadas têm consequências nem sempre agradáveis.

Esperou alguns instantes e continuou concentrada.

- O desenvolvimento moral surge-nos como principal meta de apoio a todo e qualquer espírito em situação de desequilíbrio. Na medida em que o próprio espírito deu origem ao problema, é dirigindo a ele o esforço de conscientização e mudança para obter a docilização gradual do automatismo celular em descontrole.

O melhor estímulo moral que poderemos infundir à criança é nossa própria conduta, imprescindível o esforço por viver o que conhecemos de mais elevado moralmente caso tenhamos o desejo de sinceramente ajudar.

Busquemos junto às religiões a útil ferramenta da prece sincera, o diálogo íntimo com o Criador. Se direcionada esta prece à criança, ou se realizada por ela mesma, propiciará energias renovadoras na luta constante contra suas próprias imperfeições. É a prece repositório de energias sublimes que nos refazem clareando pensamentos e tranquilizando nosso mundo íntimo.

Se os pais da criança com problemas forem simpatizantes ou adeptos da Doutrina Espírita, poderemos estimulá-los a frequentar o centro espírita, onde os amigos espirituais poderão atuar com melhores possibilidades. Através da intuição, os trabalhadores encarnados receberão a orientação do melhor proceder em cada situação, sem se esquecerem dos benefícios da fluidoterapia.

O passe surge-nos como excelente ferramenta capaz de desfazer laços que imobilizam o desenvolvimento saudável do espírito. Preso à doença, o espírito não encontra forças para vencer a si mesmo, mas se puder sentir, mesmo que por alguns curtos instantes, seu jugo mais leve, permitirá brotar em seu íntimo a esperança pela possibilidade de uma situação melhor e criará coragem para lutar por isso, esse é o principal benefício do passe.

É importante salientar ainda que, por lidarmos com crianças com dificuldade de concentração, devemos procurar estimular atividades que lhes sejam agradáveis e lhes despertem o interesse, para que se sintam estimuladas à concentração espontânea. Creio serem estas as melhores opções de que dispomos para auxiliar essas crianças na atualidade.

A palestrante encaminhava sua preleção para finalizar a participação.

Tanto os encarnados quanto os desencarnados têm possibilidade de ajudar aqueles que necessitam. Sozinhos não se obterão grandes resultados, mas se afinarmos nossas intenções, conseguiremos compartilhar ideais e concorrer para uma melhora mais profunda. A espiritualidade necessita dos encarnados para auxiliar outros encarnados,

porque esses, quando envoltos em dificuldades e doenças, muitas vezes ar- voram-se na atitude de revolta contra Deus e lacram as portas para nosso eficiente auxílio. É importante que nos esforcemos por auxiliar aqueles que se encontram no mesmo plano existencial que nós, esses são os que melhor alcançamos. O papel dos desencarnados é inspirar os que buscam servir envolvidos na matéria; ou seja, os encarnados, que devem se esforçar para conseguir captar essas inspirações através da renovação moral.

A explanação noturna estava concluída. Realizada a prece de encerramento, a maioria dos participantes retirou-se do ambiente. Pudemos colher amplo e valioso material para estudo e estávamos profundamente gratos pela oportunidade recebida.

*

Aguardamos a saída dos participantes para nos movimentarmos em seguida. Surpreendentemente, Cristóvão dirigira-se a nós.

Como vai, bom amigo? - perguntou, dirigindo o olhar ao nosso orientador.

Os dois trocaram abraços e rápidos informes particulares, e Maximiliano dirigiu-se a nós nesses termos:

- Cristóvão e eu tivemos a oportunidade de aprender em conjunto, em atividades como as que vocês realizam atualmente - e dirigindo-se a Cristóvão, nos apresentou um a um.

Realizadas as rápidas apresentações, Japhet comentou, colocando-se como nosso porta-voz:

Acompanhamos admirados vossos esclarecimentos.

Obrigado pelas palavras elogiosas, mas sou ainda humilde aprendiz que busca se fazer centelha de luz diminuta para fornecer alguma claridade àqueles com quem estabeleço contato. É dever daquele que aprende retransmitir os ensinamentos adquiridos aos companheiros de viagem - destacou Cristóvão com simplicidade.

- Podemos lhe fazer algumas perguntas? - indaguei, sem conseguir segurar a curiosidade.

O palestrante da noite respondeu sorridente:

- Claro que sim; afinal, foi por este motivo que o orientador de vocês me pediu para que me aproximasse do grupo. Já fora informado de que o grupo era composto por integrantes bastante curiosos - sorriu e concluiu. - A curiosidade sadia, quando bem dosada, é sempre bem-vinda.

- Atentando para as vossas elucidações, fiquei particularmente curioso em saber se é possível que o encarnado que disponha de ectoplasma em grande quantidade possa equilibrar sua carga fluídica praticando a doação, por exemplo, com o passe no centro espírita - Brunner perguntou.

Até onde temos podido e conseguido observar, e aliando o uso do raciocínio lógico, seu pensamento parece ser uma opção viável. Tem sido possível constatar essa possibilidade igualmente na situação inversa, junto a crianças que sofrem de autismo, em que a doação de ectoplasma objetiva socorrer o déficit funcional de produção do elemento vital. Parece-nos, particularmente falando, perfeitamente viável que aquele que possui em abundância doe para aquele outro que possui em escassez, ambos encontram o ponto de equilíbrio. Mas não nos iludamos com os resultados, essa possibilidade somente ocorre com a perseverança empreendida em longo prazo. O ectoplasma doado somente auxilia a retomada do equilíbrio, pois a parcela principal da transformação cabe ao próprio espírito encarnado realizar.

Sabemos também que a atividade de dar o passe no centro espírita não comporta crianças, pois tal atividade exige responsabilidade e comprometimento para ser bem desempenhada. Isso descartaria a possibilidade de crianças com DDA serem utilizadas como passistas. O passe, por outro lado, auxilia na dispersão de fluidos excedentes que podem ser mal utilizados, acarretando problemas. Sendo assim, o passe surtiria efeito positivo em qualquer uma das situações, já que somos sempre assessorados por espíritos que acompanham cada caso com conhecimento de causa. Mas somos todos enfáticos em afirmar que ainda precisamos avançar muito em tais conhecimentos.

Finalizado o assunto, perguntei:

- Estou curioso por saber em que área do conhecimento se especializou enquanto encarnado.

- Eu acreditava ser profundo conhecedor da área de bioquímica. Fui professor e pesquisador em uma universidade, não tive minha última passagem pelo corpo físico no Brasil.

Achei particularmente interessante o modo como conduziu sua explanação. Despertei interesse em, quem sabe, vir a estudar nesta mesma área - acrescentei entusiasmado.

- Concordo que seja um campo bastante vasto e interessante, como quase todas as áreas de estudo, mas espero que não venha a cometer os mesmos erros que cometi. Imaginei-me conhecedor de grandes verdades, que foram destronadas pelo leve sopro renovador da morte.

Pensava, enquanto encarnado, ser possuidor de vasto e completo entendimento com relação à atividade específica em que atuava. Qual não foi o meu espanto quando vim a desencarnar e me deparar com as possibilidades de estudo que a espiritualidade nos proporciona.

Logo que desencarnei, vivenciei um processo corriqueiro de adaptação à nova condição. Depois de um tempo, tomei conhecimento da existência de núcleos de pesquisa das mais diferentes áreas. Orgulhoso, acreditando ser portador de grande bagagem de conhecimento, pleiteei vaga junto ao corpo docente destas instituições, como exercia enquanto encarnado. Fiquei profundamente frustrado ao receber a resposta negativa e sem prazo para ser reconsiderada. Nem mesmo como estudante oferecia credenciais para ingresso na instituição.

Recebi boas lições de humildade quando desencarnei, não estive no Umbral, mas vaguei algum tempo entre os encarnados, me defrontando com revelações que me incomodaram. Sem dedicação alguma à vida espiritualizada, não fui uma pessoa má, mas muito orgulhoso. Fui bom para aqueles que me tratavam como eu gostava de ser tratado. Neste período em que passei junto aos encarnados, vi ruir o falso pedestal em que me colocara em vida. Ouvindo aqui e ali, constatei que raríssimas eram aquelas pessoas que tinham algum apreço sincero por mim, a imensa maioria me tolerava somente pelo nome que havia construído. Esses acontecimentos me amolaram o orgulho, que veio a sofrer maior choque no contato com o auxílio espiritual que receberia mais tarde.

Aos poucos meu orgulho foi decrescendo, após algum tempo acabei por compreender a negativa que recebera do núcleo de pesquisa no qual quis ingressar anteriormente. Frequentei cursos de adaptação, onde pude aprender a ver a vida sob outro ângulo. Percebi que a lógica imperava em tudo, era um imenso quebra-cabeça, onde começava a encaixar as primeiras peças.

Vários anos depois meu pedido fora aceito. E desde então venho atuando nesta instituição. Essa é minha breve história - concluiu Cristóvão.

- Conseguiu compreender os motivos que o fizeram esperar por tanto tempo o ingresso nessa instituição? Foi o orgulho exclusivamente? - Jullien indagou.

Você quer a fórmula pronta? - brincou Cristóvão. - O orgulho não me permitiu entender os motivos que existiam por traz da recusa. Mesmo que não fosse orgulhoso, não teria condições de ser aceito de imediato.

Recebemos na crosta terrena, enquanto encarnados, uma educação segmentária, que desconsidera a existência da espiritualidade. O que não nos permite compreender a vida de uma forma mais abrangente. Conheci a bioquímica do mundo físico, e mesmo assim havia muitas coisas que ficavam sem explicações plausíveis.

Ao chegar à espiritualidade, me «deparei com um mundo composto por matéria distinta da que conhecia. Aprendi que existe uma imensa interação entre essas formas de matéria, que tem origem única. Tudo o que imaginava conhecer entrou em xeque. Muito pouco do que aprendera enquanto encarnado possuía aplicação direta na ciência espiritual, precisaria me adaptar.

Descobri que se não conhecesse as ideias filosóficas e religiosas que inspiram as pessoas, não conseguiria compreender a fundamental lei de causa e efeito, que se origina na intimidade do Ser.

Agarrados aos conhecimentos restritos da Terra, acabamos por nos impossibilitar de observar as coisas de uma forma mais coerente. Estudei muito, aprendi um pouco, e hoje me tornei assistente da instituição. É meu papel transmitir aos demais companheiros de ideal o pouco que tenho conseguido entender das situações que nos acometem no cotidiano.

Refletindo, resolvi comentar com relação à expectativa em que me via ultimamente envolvido.

- Estou apreensivo com relação à qualidade da recepção mediúnica dos esclarecimentos que pretendo transmitir aos encarnados, principalmente sua explanação mais técnica. Sei que não tenho profundos conhecimentos sobre o tema, e o médium tampouco.

- Sei da incumbência em que se encontram. Seu orientador já havia me relatado. Penso que não deva se preocupar em demasia. Tanto o espírito desencarnado quanto o médium encarnado têm suas limitações na relação mediúnica. A transmissão, por melhor que sejam as intenções, acabará sempre apresentando alguma forma de ruído. Assim como os espíritos superiores nos estimulam à busca por novos e constantes esclarecimentos que não nos são apresentados integralmente, nós, desencarnados, devemos proceder da mesma forma com nossos irmãos no plano físico. Nosso papel é erguer a ponta do véu que cobre a verdade, o restante do trabalho necessita de esforço pessoal para que seja assimilado.

Se possível, continue a estimular o médium com relação a leituras antecipadas sobre o assunto, isso facilita a coordenação das ideias que serão transmitidas. Em sono, no período do desprendimento do corpo, continuem a trabalhar em conjunto para facilitar a posterior assimilação mediúnica. E não se preocupe tanto, as falhas de comunicação são consequências de nossas limitações. Sempre haverá possibilidade de consertar aquilo que ficou obscuro em determinada época.

Prendamo-nos ao raciocínio lógico, como enfatizou Allan Kardec, esse é seu maior legado; aceitar somente o que a razão pode compreender. O que for possível de aceitar, excelente; o que não for, que deixemos momentaneamente à parte. Talvez possa ser consequência de falhas na transmissão ou falta de amadurecimento para compreender. Devemos refletir sobre o enunciado de Kardec: “Fé inabalável só é a que pode encarar de

frente a razão, em todas as épocas da humanidade”, e para isso ocorrer não poderá existir a intransigência intelectual - finalizou o palestrante da noite.

Despedimo-nos alegres pela oportunidade recebida. Colhemos grandes ensinamentos, muitos desses precisando de mais tempo para amadurecer em nosso entendimento.

Saúde e Espiritismo

Associação Médico-Espírita do Brasil

Mediunidade na Prática Médica II

- José de Ribamar Tourinho

AUTISMO: UMA QUESTÃO DE ECTOPLASMA?

O Médico Espírita desperta nas pessoas uma esperança de que pode solucionar as mais difíceis patologias da medicina, e talvez tenham razão. Quando nós, médicos espíritas, exercitamos com mais consciência e fé a nossa mediunidade intuitiva, ou seja, aprendemos a permanecer conectados, através da expansão de consciência, com o indispensável mundo paralelo onde as equipes espirituais, nossos mestres, nos ensinam ou nos querem ensinar como desvendar os mistérios ou dificuldades da medicina e de todas as ciências do Planeta.

Foi através do exercício ou expansão da consciência, através da sensibilidade dos médiuns de nosso grupo de estudo, é que tivemos êxito com o caso do menor Rafael, um autista, filho de mãe desquitada, pobre, que sobrevive de lavados domésticos; o qual após peregrinar por vários consultórios médicos e instituições psiquiátricas, chegou ao nosso atendimento fraterno, às quintas-feiras no Centro Espírita Lar de Jesus, já com diagnóstico médico de Autismo, mostrando total desligamento da realidade cognitiva, olhar distante, balbuciando ocasionalmente alguns ruídos, entendidos com grande dificuldade por sua mãe.

Rafael chegou ao nosso atendimento com dez anos de idade e sua mãe dona Maria de Jesus, desesperançada quanto à saúde mental de seu filho. Nós a encorajamos a ter fé, acreditando no amparo divino através das equipes espirituais que assistem a todo o Planeta dirigido pelo nosso mestre Jesus. Daí então, nós encaminhamos o garoto para tratamento de desobsessão, já que, além de Autista, a percepção de vibrações de baixa frequência era evidente.

Na cabine de passe, aplicamos durante seis meses, uma vez por semana, às quintas-feiras, deitado em uma maca, o que chamamos de Realinhamento de Chacras ou técnica das polaridades, usada em nossa clínica particular Núcleo de Terapia Transpessoal.

Vou citar um caso que ocorreu na clínica, para explicar porque usamos a técnica de Realinhamento de Chacras em Rafael. Certa vez, uma paciente entrou em nosso consultório com forte crise de cefaléia crônica, a qual usava há quatro anos potentes analgésicos e antidepressivos, medicados pela clínica psiquiátrica, mostrando no seu rosto profundo e doloroso sofrimento. Foi levada por mim a deitar-se no divã, onde fiz a pergunta: como a dor de cabeça naquele momento era representada? A paciente logo entrou em regressão, vivenciando uma cena de tortura em que sua cabeça era comprimida por uma prensa em forma de arco, em torno de sua cabeça, vindo a desencarnar por esmagamento do crânio, causa de sua dor de cabeça. No término da sessão, a dor de cabeça tinha desaparecido, mostrando ela agora a face descontraída e feliz. Quando pedi para a paciente levantar-se e

ir ao encontro de seu esposo, que a aguardava na sala de espera, a paciente de pé, próxima ao divã, parou e me disse: "Doutor, não consigo sair deste lugar". Eu insisti, mas a mesma repetiu que não conseguia andar, eu então pensei: "e agora! O marido esperando lá fora..." Foi então que mais uma vez, fora as outras centenas de vezes, o telefone espiritual, através de nossa mediunidade intuitiva, alertou-me que aquela paciente acabara de incorporar, conectar com uma entidade, sendo também uma médium consciente. Aliviei os músculos, a tensão, e mais facilmente veio o intercâmbio, me trazendo uma nova solução para aquela situação sem precisar doutrinar a entidade, já que aquela senhora não era espírita, e parecia assustada.

O recém-chegado colega Cícero Vasques, da sala ao lado, que trabalha com Massoterapia, Reiki, Realinhamento de Chacras, e sabendo eu que entidades errantes se conectam atra

vés do Chakra Esplénico, fez-me lembrar que um realinhamento desconectaria a entidade do médium, e foi então que pela primeira vez e com a ajuda do prof. Cícero Vasques, o qual, solicitado por mim, aplicou o realinhamento, obtivemos êxito imediato, após o último movimento da técnica. Voltou a paciente de súbito à sua consciência de vigília, resolvendo assim esse novo desafio. Em seguida, agradecemos a assistência espiritual.

Passamos então, a partir desse dia, a aplicar nos pacientes ditos pré-psicóticos ou incorporados a técnica do Realinhamento de Chacras, para desconectar o agente teta que, através da elevação da frequência vibratória do paciente, por um melhor fluir da energia vital, facilitando a abertura de seus Chacras, mantém a entidade desconectada pelo menos por 48 horas, enquanto se faz uma outra abordagem terapêutica.

Voltando ao caso de Rafael, foi essa a técnica que aplicamos com a intenção de ajudá-lo a retornar ao seu corpo físico, já que o autista mantém-se dissociado de seu corpo por escassez de ectoplasma, informação essa passada a nós em reunião mediúrfica por equipe científica do plano espiritual, que nos orientou desde o início do tratamento a manter o Realinhamento de Chacras em Rafael, mas com a participação principalmente de médiuns de efeito físico ou de sustentação de nossa equipe de desobsessão, com a finalidade de doar o ectoplasma necessário ao acoplamento total de Rafael ao seu corpo físico, o qual, a cada das sessões seguintes, mostrava-se centrado mais no presente, passando então a falar e procurar pelas pessoas do atendimento fraterno.

Já está com um ano que Rafael entrou numa escola especial, já sabe ler, o que aprendeu a fazer sozinho, e também já escreve com boa caligrafia, e já se compreende o que ele fala e seus desenhos expressam com clareza seu pensamento, mostrando grande inteligência, principalmente através de seus desenhos arquitetônicos de fachadas de edifícios.

Na impossibilidade de ir à escola por dificuldade de transporte, Rafael se aborrece e se agita desesperadamente. Ele gosta de ir a escola porque é lá que ele tem aprendido a desenvolver boa comunicação e relacionamento interpessoal.

Já estamos com o segundo caso de Autismo, há um mês e meio e com seis sessões de desobsessão e realinhamento, observamos excelente resultado no garoto. Sua mãe, senhora

esclarecida e de nível superior, também já nos falou da visível melhora com esse tratamento, após ter andado por várias capitais e instituições do País, sem resultado evidente. O seu depoimento é que o filho G..., nunca, em lugar algum, teve um avanço expressivo, como com essa abordagem terapêutica, feita por um grupo de sensitivos encarnados e desencarnados. A sua maior alegria, nesses últimos dias, foi o fato de seu filho ter falado pela primeira vez formando frases, o que não acontecia antes, pois era monossilábico, o que dificultava a sua comunicação, levando-o a chorar com frequência quando queria ser entendido e não conseguia.

Portanto, fica aqui o nosso estímulo para que continuemos exercitando a conexão com nossos irmãos sábios e bondosos que nos assistem e torcem pelo nosso sucesso.

COMUNICAÇÃO COM OS RECÉM-NASCIDOS

Por ser psicoterapeuta há seis anos e médico pediatra há 20 anos e trabalhar no berçário da Maternidade Dona Evangelina Rosa, passei, durante os meus plantões semanais, a ter

comunicação com os recém-nascidos, tentando obter deles respostas convincentes de que estavam me ouvindo e me entendendo. Isso porque, nas regressões de memória feitas em adultos, os mesmos relatavam minúcias de sua vida intra-uterina, citando pensamentos, sentimentos e emoções de sua mãe e mesmo das pessoas ao seu redor.

Tive uma cliente que, vivenciando sua vida intra-uterina, descobriu que sua mãe não era sua mãe biológica, mas sim adotiva. A sua mãe biológica era prostituta, e até a estampa da roupa da sua parteira ela relatou. Quando chegou em casa, confirmou a veracidade de sua experiência, causando assim fortes emoções que foram equilibradas nas sessões seguintes.

As minhas próprias experiências de vida intra-uterina reforçaram minha convicção de que aqueles recém-nascidos podiam me entender e se comunicar comigo. Foi o que fiz e faço há mais de quatro anos. No início tive que conversar com os recém-nascidos, e ao mesmo tempo filmar, documentar a experiência, pois o pessoal da enfermagem, sabendo que sou espírita e ao solicitar ajuda na filmagem, se negavam dizendo: “Doutor, eu não gosto dessas coisas não”. Tive que fazer tudo só, mas com o passar das experiências e elas (enfermeiras), mesmo à

distância presenciando os resultados positivos das comunicações com os recém-nascidos, passaram a se aproximar, me auxiliando e também conversando com os mesmos e descobrindo os seres que, embora pequenos e frágeis, são inteligentes e conscientes do que acontece ao seu redor.

A comunicação com os recém-nascidos é feita com minha apresentação, aos mesmos, como médico do plantão, e digo que sua permanência no berçário ou incubadora, longe de sua mãe, não é porque ela queira, mas porque os mesmos estão se adaptando ao corpo físico, que está nesse momento debilitado ou imaturo. Faço uma programação positiva pedindo aos mesmos que não se deixem agredir por bactérias, vírus ou fungos e que desenvolvam seu sistema imunológico, pois eles não estão sós, e podem fazer isso. E digo em seguida: “se você estiver me ouvindo e entendendo, me dê uma resposta: movimente seu braço direito, esquerdo, abra os olhos, movimente a perna direita, esquerda etc.”. Insisto uma, duas, três, cinco ou dez vezes, dependendo do estado do recém-nascido ou do meu próprio, mas sempre me dão uma resposta, movimentando o membro solicitado ou fazendo a expressão pedida. A dificuldade nas respostas é comum com os recém-nascidos nas primeiras 24 horas, talvez devido à ocitocina que, após o parto, deprime tanto a mãe como o recém-nascido.

Com esses resultados, o respeito, os cuidados, a atenção aos recém-nascidos foram dobrados e mantidos. As agressões verbais aos recém-natos, devidas ao cansaço do corpo clínico da maternidade e por razões conhecidas nossas, foram superadas em atenção aos pequeninos seres, reconhecidos com inteligência desde a fecundação e com certeza, para uns, antes disso, extremamente sensíveis ao que se passa e se fala ao seu redor.

O resultado não podia ser outro senão a recuperação mais rápida e eficiente de sua saúde, mesmo nos casos mais graves do berçário como as septicemias e membrana hialina. O resultado positivo dobrou, quando passamos a convocar os pais e a ensiná-los a se comunicar e programá-los positivamente.

A nossa sensibilidade ou mediunidade, favorecida pelo nosso estado mental e espiritual, é fundamental para acessarmos o campo mental do recém-nascido e de todos os seres. Os colegas médicos e assistentes que melhor se comunicam com os recém-nascidos são exatamente aqueles mais religiosos, que fazem suas orações, lêem o evangelho e meditam nas diversas religiões.

*Médico pediatra e psicoterapeuta, formado pela Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. Formação em Programação Neurolinguística e Terapia de Vivências Passadas, ministra palestras e cursos, bem como realiza pesquisas relacionadas à sensibilidade dos recém-nascidos no berçário da Maternidade Evangelista Rosa, em Teresina. Ex-vice-presidente e fundador do sindicato dos médicos do Piauí. Diretor- presidente do Núcleo de Terapia Transpessoal/Teresina (PI).

Psicose e Reencarnação

- Rosemeire Simões

- Autistas: O dr. Bezerra em *Loucura e Obsessão* elucida: "...Espíritos há que buscaram, na alienação mental através do autismo, fugir às suas vítimas e apagar as lembranças que os acicatam, produzindo um mundo interior agitado ante uma exteriorização apática, quase sem vida. O modelador biológico imprime, automaticamente, nas delicadas engrenagens do cérebro e do sistema nervoso, o de que necessita para progredir: asas para a liberdade ou presídio para a reeducação".

Alienação mental indica fuga das vítimas do passado culposo. A exteriorização é apática, quase sem vida.

- Obsessão: No livro: *A Loucura sob Novo Prisma*, esclarece- nos o dr. Bezerra acerca de loucura por obsessão espírita: "...Embora a loucura por obsessão não dependa de lesão cerebral, pode esta lesão vir a dar-se por causa da obsessão (...). A lesão não é causa, mas pode vir a ser efeito. A ação fluídica do obsessor sobre o cérebro, se não for removida a tempo, dará necessariamente, em resultado, o sofrimento orgânico daquela víscera, mais profundo, quanto mais tempo estiver sob a influência deletéria daqueles fluidos".

TRATAMENTO E CONCLUSÕES

"As exulcerações da alma são de gênese profunda, em consequências doridas no seu processo de cicatrização(...) Cristalizações de longo período, no inconsciente, não podem ser arrancadas em algumas palavras e induções psicológicas de breve duração (!..) Além dos muitos cuidados exigíveis, o tempo é fator de alto significado, para os resultados salutares que se desejem alcançar."

É importante observar que o diagnóstico bem direcionado é fundamental à orientação das medidas terapêuticas adequadas. Inúmeras condições orgânicas podem simular sintomas psicóticos. O hiper e o hipotireoidismo, por exemplo, podem gerar sintomas semelhantes aos transtornos do humor.

As terapêuticas utilizadas nos transtornos psicóticos situam- se em diferentes níveis de profundidade quanto à sua atuação:

- Medicamentosas: louvamos os esforços médicos na terapêutica medicamentosa que, em muitos casos, alivia os sintomas, mas não pode acessar as causas reais, que residem na consciência culpada.

Todavia, alivia a constrição mental, oferecendo ao indivíduo condições de "pensar e sentir-se desembaraçado".

- Psicoterapias: individual, familiar, grupai e terapia ocupacional - sempre que possível auxiliar o doente mental a recuperar os princípios nobres, os estímulos à mudança e à auto-corrigenda.

- Terapêutica espírita: somente uma terapêutica de profundidade é capaz de acessar pacientemente as delicadas tessituras do modelo organizador biológico, restaurando o seu equilíbrio danificado, que se expressa nos transtornos mentais de natureza orgânica, não-orgânica e obsessiva, a terapêutica do Espírito eterno.

CONCLUSÃO

A vontade, a gerente esclarecedora e vigilante da vida mental, a grande propulsora, a força motriz do Universo, é a impulsionadora à autocura. Acionando-a, rumamos à saúde plena.

Jesus convida-nos a sair das nossas "paralisias" e caminhar ao encontro da saúde integral na figura simbólica do paralisado do lago de Betesda. Ele diz: "Vai, toma da tua cama e anda..." Concluindo com Calderaro, em *No Mundo Maior*: "Em nosso campo de observação mais clara, podemos adir que todo desequilíbrio promana do afastamento da Lei".

- Psicóloga e terapeuta do Instituto Renascimento; sócia efetiva da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais (Amemg)

Alquimia da Mente

Hermínio C. Miranda

Vejo, neste ponto, um gancho onde pendurar algumas reflexões adicionais, para o que interrompo, por algum tempo, o fio da nossa conversa, a ser ' retomada mais adiante. E que a dra. Helen Wambach formulou, certa vez, a hipótese de que o autismo poderia ser explicado como rejeição da reencarnação por parte da criança, ou seja, aquele ser teria preferido continuar na dimensão em que se permanece após a morte corporal e enquanto se aguarda a próxima vida na carne. É, precisamente, o que os pesquisadores mais recentes estão caracterizando como "vida entre vidas". A dra. Wambach parece não ter tido tempo suficiente para conferir a sua muito plausível teoria. (Ela morreu em 1985.) O tratamento de uma menina afetada por essa condição revelou algumas indicações encorajadoras, ainda que não conclusivas, porque a criança mudou-se para outra região dos Estados Unidos e a terapia foi descontinuada.

Apenas para refrescar a memória, vamos recorrer ao sábio Aurélio, no qual encontramos o autismo como "fenômeno patológico caracterizado pelo desligamento da realidade exterior e criação mental de um mundo autônomo".

No contexto das explorações que vimos fazendo neste livro, penso que poderíamos tentar uma releitura desses conceitos, ainda que os reconhecendo como basicamente corretos. Isso porque a pessoa afetada mostra-se de fato desligada da realidade exterior; no meu entender, porém, não porque se tenha deliberadamente desligado, mas porque não se ligou nesta dimensão. Se a hipótese da dra. Wambach tem boas chances de se provar correta, como parece - ou seja, o autismo resulta de uma atitude de rejeição à vida na carne -, então nos sentiremos mais otimistas quanto à expectativa de também serem dignas de mais aprofundado exame algumas das especulações que estamos trazendo para este livro. Uma delas é a de que a personalidade se instala, na máquina biológica, à esquerda do cérebro, ao passo que a individualidade permanece à direita. Vimos, também, que nos primeiros tempos da infância, não se nota distinção entre as tarefas e funções de cada hemisfério, de vez que elas são desempenhadas ou exercidas, indiferentemente, por um ou pelo outro. Como a linguagem, por exemplo, que, nessa fase, é comum a ambos. Sugiro que, durante esse tempo, a individualidade se dedica ao treinamento da personalidade, transferindo-lhe a programação de que esta vai necessitar nas suas negociações com a vida terrena. Isto equivale a dizer que o psiquismo mais experimentado, sediado à direita, funciona como uma espécie de atenta babá, assumindo a tutela daquela outra parte de si mesmo que se encontra em preparo para as tarefas que terá a desempenhar durante a existência na terra. Para expressar o mesmo conceito em outras palavras, poderíamos dizer que o *espírito* treina a *alma* para as experimentações e atividades que lhe cabem. Concluída a etapa de treinamento e repasse da programação, a individualidade (espírito) retira-se discretamente para os bastidores, de onde ficará daí em diante, com os seus terminais implantados no hemisfério direito do cérebro, a fim de monitorar o comportamento da personalidade, num contexto no qual é concedida a esta (personalidade) uma espécie de liberdade vigiada, tão ampla como possível, mas responsável

Ora, se a entidade espiritual vem para a vida terrena como que obrigada, ou pelo menos contra a sua vontade, não é de admirar-se que, uma vez acoplada a um corpo físico limitador, se recuse a receber as instruções que a confirmariam na indesejável obrigação de ter que se adaptar a um tipo de vida que não lhe oferece qualquer estímulo ou atrativo. Nesse caso, ou a personalidade rebela-se e recusa o tutoramento da individualidade ou, ao contrário, a própria individualidade recusa-se a programar uma parte de si mesma para a detestada vida terrena.

Ao leitor não familiarizado com as práticas mediúnicas, devo informar que é mais comum do que possamos imaginar a atitude de entidades que preferem ficar indefinidamente na dimensão póstuma, em lugar de resignar-se ao aprisionamento de algumas décadas num pesado corpo material. Para essa informação, aliás, nem precisamos recorrer à experiência de intercâmbio com os seres espirituais ditos desencarnados. Se o leitor entender que isso é ocultismo demais para o seu gosto, tudo bem. Terá o mesmo tipo de depoimento em muitas das numerosas regressões induzidas pela dra. Wambach e outros pesquisadores responsáveis.

A rigor, não ocorre, portanto, um desligamento da realidade e sim um não-ligamento.

Outro aspecto deve ser lembrado, ainda em relação ao conceito de autismo que encontramos no Aurélio. Vemos aí que o dicionarista sugere a “criação mental de um mundo autônomo”. Se são corretas as hipóteses aqui oferecidas, não há propriamente criação de outra realidade - ela nem é criada e nem é autônoma; já existe. O que acontece é que a entidade espiritual ignoraria o ambiente terreno e continuaria a viver, tanto quanto possível, na dimensão de onde veio para reencarnar. Seja como for, estamos aqui diante de um mecanismo de fuga, qualquer que seja a abordagem em busca de uma explicação para o que se passa. E como se o dispositivo que consideramos personalidade, destinado a gerenciar a atividade terrena, não se desenvolvesse satisfatoriamente, mas apenas com o mínimo indispensável, de acordo com a programação também mínima dos instintos vitais, sem os quais a vida na terra seria impraticável.

Podemos até recorrer novamente à hipótese formulada por Maurice Maeterlinck, segundo a qual nunca encarnamos por inteiro; apenas uma parte do psiquismo mergulha na dimensão da matéria bruta, ao passo que a outra continua, de certa forma, acoplada ao corpo físico, mas com direito a larga faixa para exercício de sua liberdade, mesmo porque somente suas terminais se encontram instaladas no hemisfério direito, enquanto seu ambiente é o cosmos, ao qual se liga pelo “outro lado”.

Isso tudo quer dizer, portanto, que a pessoa afetada pelo autismo fez, livre e conscientemente, uma opção: a de refugiar-se na individualidade, cedendo o mínimo de espaço possível para a personalidade, de vez que se recusa a submeter-se ao tipo limitado e sufocante de vida que tem esta a lhe oferecer. Seria, portanto, uma pessoa que continua a existir mais como individualidade do que como personalidade, mais como espírito do que como alma. O que explicaria, ainda, o desinteresse pela linguagem, que, como temos visto, é atribuição específica do hemisfério esquerdo. Dentro desse quadro, portanto, o autista é um ser que funciona, predominantemente, à direita do cérebro.

Não há como deixar de perceber nessa curiosa anomalia comportamental um ensinamento precioso que também deve ser levado a estudo e debate, ou seja, o de que é tão indesejável para o processo evolutivo do ser tentar viver exclusivamente à esquerda, como predominantemente à direita. Precisamos de um equilíbrio entre os dois extremos. Onde está o ponto de equilíbrio é algo sobre o que há muito ainda que especular. Os gnósticos optaram por um desvio maior para a direita, sempre atentos a qualquer envolvimento maior com a matéria densa e suas seduções.

As advertências nos textos coptas de Nag Hammadi são constantes e incisivas, como se pode conferir no capítulo VII, de meu livro *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, intitulado “Dicotomias conflitantes”. Em *Os Ensinamentos de Silvanus*, por exemplo, está expressa a advertência habitual, sobre o engodo da matéria, que atrai a pessoa para a treva quando a luz se encontra à sua disposição, bebe a água suja, quando a limpa está ao seu alcance, ignora o chamamento da sabedoria e atende ao da insensatez. Não porque assim o deseje a pessoa, mas porque “é a natureza animal dentro de você que o faz”.

Mais adiante, aconselha: “Viva de acordo com a mente. Não pense nas coisas pertencentes à carne. Adquirir força, pois a mente é forte.”

No Evangelho de Maria, uma advertência ainda mais veemente: “A matéria gerou uma paixão sem igual que procede de algo contrário à natureza”, ensina.

Aconselhava-se, portanto, e com muita ênfase, a viver mais à direita, aconchegado ao espírito do que à esquerda, envolvido com a matéria. Para evitar excessos, contudo, o Evangelho de Felipe propunha uma solução conciliatória, ao ensinar “não tema a carne nem a ame. Se você a temer, ela o dominará. Se você a amar, ela o engolirá e o paralisará”.

Já que estamos mergulhados na matéria, porém, temos de desenvolver (e trabalhar com) um modelo aceitável de convivência com ela, sem deixar de atender ao mínimo que ela pede, mas

sem conceder-lhe mais do que o necessário à tarefa de viver a experiência terrena. Continuamos, pois, no âmbito daquele conceito lembrado alhures, neste livro, segundo o qual a vida na carne deve fluir, tão suavemente quanto possível, entre o transitório e o permanente, entre o ser e o estar e não entre o ser e o não-ser, como se questionava Hamlet. O autismo seria, portanto, uma exacerbação comporta- mental, segundo a qual o ser se refugia à direita, no esforço de ignorar o sufocamento que sente enquanto acoplado ao corpo físico. A personalidade, por sua vez, necessita de programação e concessões específicas para levar a termo sua tarefa, dado que o processo evolutivo precisa das experiências que o estágio na carne nos proporciona.

Pelo que ficou aí exposto, eu me sentia suficientemente convencido da validade da hipótese formulada pela dra. Helen Wambach ao considerar o autismo uma rejeição da reencarnação. Em diferentes oportunidades, tenho procurado interessar amigos psicólogos e psiquiatras nessa teoria que se me afigura promissora. Não sei se fui suficientemente convincente para movê-los. No final de 1988, contudo, numa estada maior nos Estados Unidos, tive oportunidade de conhecer o livro *The Crack in the Cosmic Egg*, de Joseph Chilton Pearce, que, após ter permanecido fora do mercado desde que se esgotara sua edição de 1971, fora reeditado precisamente em 1988.

Pearce é um escritor criativo e corajoso na formulação e exposição de suas ideias. Eu havia lido dele outra obra estimulante intitulada *The Magical Child*, ou seja, *A Criança Mágica*, que me impressionara positivamente, mesmo que discordando de uma ou outra de suas abordagens.

Em *The Crack in the Cosmic Egg*, o autor se apresenta mais enfático do que nunca. Para ele o “ovo cósmico”, mencionado no título, é “a soma total de nossas noções sobre que coisa é o mundo”. De certa forma, vivemos confortavelmente instalados nesse ambiente cultural, sem nos lembrarmos de que o “ovo” é também “uma prisão, que inibe a imaginação e o impulso de explorar novas ideias”, como se lê no texto que os editores fizeram constar da quarta capa do livro. Para Pearce, é preciso que a casca do ovo se quebre para que possamos fazer uma releitura nas antigas e familiares realidades com as quais nos acostumamos.

A postura de Pearce tem minha simpatia. Eu apenas diria que o ovo não se quebra sozinho, como dizem os editores, ele precisa ser quebrado, e mais, de dentro para fora. Se a ave não tomasse tal iniciativa, morreria na casca sem ter nascido. Daí a gente identificar sempre certo componente de inconformação e até de rebeldia em muitos daqueles que realmente criam coisas e abrem caminhos rumo ao futuro.

O escritor explora com inegável competência e com apoios substanciais - Teilhard de Chardin, por exemplo - aquilo que ele considera como “pensamento não lógico, autista”, o único, a seu ver, em condições de reformular o cristalizado conceito de realidade montado com elementos fornecidos pelo chamado racionalismo.

Para resumir, Pearce propõe uma visão autista do mundo, sugerindo ser necessário quebrar a casca do ovo cósmico que nos mantém a todos mais conformados do que confortáveis dentro das estruturas culturais com as quais convivemos.

E, pois, um livro que impulsiona o leitor a pensar. Daremos nele, uma rápida espiada, apenas para coletar o aspecto particular do autismo, que interessa a este módulo do nosso papel.

Pearce vai buscar um pensamento de Robert Frost, para quem “a civilização é uma pequena clareira numa grande floresta”. Na visão de Pearce, a imagem pode ser traduzida como se o inconsciente constituísse aquela parte mais densa e ampla da floresta, dotada de um “desconhecido potencial”. Acha ainda que o “pensamento autista” - que promete explicitar logo adiante - é “a fronteira entre a clareira e a floresta”.

Não estou muito de acordo com o autor neste ponto específico, mas não quero envolver o texto por enquanto nessa discussão, com o que perderíamos a oportunidade de catar na sua obra alguns dos seus muitos achados. Como este por exemplo, tão útil para o nosso pensar diário: “Vivemos tempos nos quais a concha, na qual nos encerramos, não mais nos protege, mas sufoca e destrói.”

O processo dito primário de pensar - e aqui a fonte de Pearce é Michael Polanyi - “é típico das crianças ou dos animais”. Para mim este é um dos achados nos quais encontro apoio para algumas das nossas próprias especulações, neste livro, dado que nos indica que os animais - injustamente considerados irracionais - pensam como as crianças, nas quais ainda não se definiu a separação dicotômica direito/esquerdo ou personalidade/individualidade. E uma fase autista essa,

na qual a personalidade ainda não dispõe de competência suficiente para ser autônoma e arrogar-se privilégios e liberdades que nem sabe como usar, pois, ainda está aprendendo a ser gente com o inconsciente, seu mestre e tutor, localizado à direita.

Pearce considera que o pensamento autista “não-estruturado, não lógico (mas não necessariamente ilógico), fantasioso (whimsical) constitui a chave da criatividade”. Que esse modo de pensar seja criativo, não tenho a menor dúvida, mas não o vejo como não-estruturado ou não lógico e nem fantasioso, que me desculpe o autor. Vejo-o muito bem estruturado - ou não teria como tutorar a personalidade -, operando dentro de uma lógica que pode não ser a que impera à esquerda. A lógica da personalidade é a do mundo físico, ao qual ela tem de se adaptar para conviver e sobreviver, ao passo que a da individualidade é a do cosmos. Se alguma dessas duas abordagens aos enigmas da vida deve ser caracterizada como fantasiosa, não é, certamente, a da individualidade. As posturas podem ser até um tanto incompatíveis e estarem até em confronto permanente, dado que o interesse de uma é a transitoriedade do momento que passa, enquanto a outra está mergulhada no contexto do permanente.

Seja como for, Pearce destaca alhures a tese de que “há sempre um componente de visionarismo e infantilidade em todas as pessoas criativas” (p.21) , o que é verdadeiro, precisamente porque essas pessoas, entendo eu, não se deixam aprisionar na concha do chamado consciente, onde impera a lógica e a racionalidade da personalidade. Aliás, pouco adiante, Pearce destaca que o pensamento autista “acrescenta algo que não existe no contexto dado”(p.22) . (O destaque é do original inglês.) E mais, cita Hans Selye (p. 25) que alertara para o fato de que “toda ideia científica realmente importante de seu conhecimento ocorrera em momentos crepusculares entre o sono e a vigília, no estado chamado hipnagógico”, um estado tipicamente autista, como acrescenta Pearce. O preço a ser pago para penetrar no território do desconhecido e de lá emergir com um conhecimento novo que não estava do lado de cá da chamada consciência de vigília “é a suspensão da visão comum do mundo”. Mesmo porque vivemos, como Pearce lembra (p. 50), “num mundo primário de realidade, que é verbal”. Logicamente, precisamos fazê-lo calar-se ou retirar-se para os bastidores, se é que desejamos captar o que nos está sendo transmitido do lado não-verbal do psiquismo.

“A mente da criança é autista” - como reitera Pearce (p. 54) -, “uma rica textura de “síntese livre, alucinatória e ilimitada”, precisamente, sugiro eu, porque ainda está mais ligada no que o próprio autor chama de “os universais”, ainda não de todo submetida à programação sobre como viver na terra. Por isso, Pearce oferece um dos conceitos dos quais eu próprio me tenho utilizado, ou seja, o de que a criança tem algumas coisas a aprender e outras a desaprender a fim de se encaixar no esquema terreno com o qual lhe compete conviver, usualmente, durante seis ou sete décadas. Essa adaptação é conseguida à custa de algumas renúncias que, necessariamente, limitam a criatura, naquela parte de si mesma que mergulhou na carne. E ainda por aí que o autor encontrou uma citação de Aldoux Huxley que também “bate” com um dos meus conceitos prediletos, ainda que expresso de maneira diferente. Enquanto eu considerava o cérebro como uma estação rebaixadora de tensão, Huxley o tem como “válvula redutora”.

Em quase todas as grandes descobertas, como vimos na experiência pessoal do prof. Henri Poincaré, identifica-se um período de trabalho, do qual o consciente não participa. Pearce considera essa elaboração inconsciente como um estágio do pensamento autista, “sem controle consciente”. Autista ele é, de fato; recuso-me, porém, a considerá-lo inconsciente, porque ele tem de estar, necessariamente, sob o controle de alguma forma de consciência, ainda que essa modalidade opere fora do alcance de nossa inspeção intelectual de vigília.

Daí porque é tão criativa tal modalidade. Pearce acrescenta (p. 73) que essa criatividade se deve ao fato de que o pensamento autista “trabalha com todas as possibilidades, sem julgamento, uma vez que o valor constitui capacidade exclusiva ao raciocínio lógico”. Mais uma vez, sinto-me impelido a concordar apenas parcialmente com Pearce. O pensamento autista, realmente, explora todas as opções possíveis de solução para um dado problema, mas que o faça sem julgamento, não. Nós é que não tomamos conhecimento dos juízos de valor que esse módulo intelectual do ser convoca para as suas decisões. Habituo-nos demais a considerar qualquer pensamento que ocorra fora da nossa conchinha consciente como irracional, incapaz de avaliação e valorização. Vejo aí mais uma das cascas de ovo a ser rompida - sempre de dentro para fora, não nos esqueçamos. Vejo também, nesse mesmo aspecto, uma daquelas noções que, no dizer do próprio

Pearce, precisa ser desaprendida, a fim de abrir espaço renovador, para novos aprendizados, mesmo porque, como diz Eddington, também citado por Pearce (p. 80/81), a mente do ser humano deve ser “um espelho do universo”. Como atrair para o campo visual desse espelho conceitos que não cabem dentro da nossa modesta concha pessoal?

É mais difícil do que parece, contudo, desaprender determinadas coisas, do que aprender outras tantas. Depois de trazer para o seu livro texto no qual Suzanne Langer atropela a psicologia de seu tempo pela “incapacidade de lidar com o próprio psiquismo”(p. 136) e de ter “não apenas deixado de crescer como outras ciências”, mas ainda deixado de exercer “seu lógico papel de preencher o vazio deixado pela religião” (p. 137), declara que a diferença entre os mais elevados animais e o ser humano é atribuível ao cérebro! Não estava na hora de dizer que não é propriamente ao cérebro, mas ao próprio psiquismo dos animais e o do ser humano?

Não desejo, de forma alguma, passar ao leitor a impressão de que o livro de Joseph Chilton Pearce é inadequado ou insuficiente. Pelo contrário, como diz Jean Houston, da Foundation for Mind Research, citada na quarta capa, é “mais do que um livro, um documento do nosso tempo” ou, no dizer do dr. John Lilly Jr. - gostaria de falar mais dele aqui -, a esperança de acesso ao “vasto reservatório do conhecimento intuitivo”. Estamos cansados das estreitezas do pensamento estritamente lógico. Precisamos ouvir mais atentamente aquilo que nos tem a dizer a voz inarticulada do nosso “hóspede interior”, da individualidade.

Não é outra a razão pela qual Paul Brunton propõe que o over self, ou seja, o ser silencioso interior, constitui “o ponto de interseção entre a inteligência universal com cada ser consciente” (p. 58). E mais, que “há uma atividade cósmica dentro de nós (p. 68) e que somos “co-conscientes com a inteligência cósmica” (p. 68). Acrescenta Brunton, mais adiante (p.122), que, no sono, a personalidade é recolhida para o ambiente da individualidade, onde foi criada e da qual faz parte. Para caracterizar melhor essa dicotomia personalidade/individualidade, Brunton recorre a uma curiosa expressão - “consciência carnal” (p. 123) ou sua equivalente, “pensamento corporal”(p. 132), em contraste, este último, com o “pensamento do Eu”. Entende Brunton, portanto, não um psiquismo biológico autônomo, o que seria incongruente, mas certa modalidade de psiquismo atuante no corpo físico, ainda que dependente do psiquismo superior do overself. Na verdade, ele considera o estado de vigília “simplesmente como resultado natural da mente ao projetar mera fração de si mesma” (p. 139). Não faz, portanto, o menor sentido dizer-se que o lobo esquerdo seja o dominante apenas porque nele opera a forma de consciência da qual temos consciência, se me permitem a redundância, ao passo que a porção infinitamente mais ampla da consciência global trabalha silenciosa e “inconscientemente” com seus sensores implantados no hemisfério direito, fora do acesso da consciência de vigília. O “observador oculto” não está contido pelas limitações de tempo e espaço (p. 141).

Ainda por isso, Brunton adverte para o uso indevido do pronome “eu”, quando desejamos nos referir ao corpo físico. E que, realmente, há uma tendência a nos identificarmos com o corpo, esquecidos de que ele não passa de uma engenhosa aparelhagem biológica para que a personalidade colha na vida as experiências de que necessita e corrija as distorções que o equivocado procedimento anterior haja incorporado às nossas estruturas éticas. Não necessariamente, como destaca o autor (p. 251), mas, usualmente, costumamos aprender “pelo sofrimento aquilo que nos recusamos a aprender por meio da reflexão”. Dentro desse mesmo contexto de ideias, Brunton discorre sobre a importância do papel de cada um na construção (ou reconstrução) de suas realizações evolutivas. Para destacar esse aspecto, ele propõe a releitura de um conhecido ensinamento que o Cristo incorporou ao texto do Pai- -Nosso, ao dizer “seja feita a tua vontade por mim e não a mim”, o que nos leva a perceber claramente que cada um de nós precisa, deve e pode realizar em si mesmo a vontade de Deus, em vez de ficar esperando que ela se realize em nós, independente do nosso esforço corretivo.

Há outra curiosa releitura das páginas finais do livro (p. 444). Discorre o autor sobre períodos em que somos assediados por um volume insuportável de problemas e dificuldades que parece concentrarem-se em curto espaço de tempo, como se houvesse entre eles um plano sinistro para nos atormentarem em conjunto. Muitos de nós costumamos, numa fase dessas, como que “entregar nossos problemas a um poder superior”. Brunton considera o procedimento correto, em princípio, dado que, com ele, se demonstra confiança nesses poderes, tanto quanto numa solução satisfatória para os problemas que nos afligem. Isso nos livra, eventualmente, de uma atitude de

excessiva preocupação e angústia, mas, ao mesmo tempo, cria em nós a desconfortável e paradoxal sensação de que, em vez de estarmos unidos ao poder supremo, sermos “um com Ele”, como dizia o Cristo, estamos dele separados, o que não é verdadeiro. Depreende-se disso que “entregar” nossos problemas a Deus não é o mesmo que cruzar os braços e esperar que as coisas aconteçam à nossa revelia e omissão. Não devemos esquecer da reflexão de Brunton, segundo a qual o “ser superior”, ou o “observador oculto” em nós, é aquele ponto de encontro da inteligência cósmica com cada um de nós.

E preciso, contudo, não confundir o verdadeiro eu, a individualidade permanente, com a personalidade transitória.

No seu estilo didático e objetivo, Brunton explica bem essa dicotomia, essencial ao entendimento de nós mesmos, ao escrever que

“A mente separa-se em duas, a porção à qual estamos continuamente atentos e que constitui a pessoa observada e a porção que nos faz atentos ao fato de que há uma pessoa que constitui a mente que observa.”

Ou seja, há em nós uma parte da mente, dita consciente, continuamente observada e outra, tida por inconsciente, que observa. Para que isto funcione dessa maneira, dispomos do seguinte esquema: 1) o corpo físico, 2) a consciência pessoal, que consiste em impressões, pensamentos, desejos, imagens e tendências cármicas e, 3) o observador impessoal, cuja presença é indiretamente revelada pela pessoa, da mesma misteriosa maneira pela qual a presença de um campo magnético se revela na movimentação da limalha de ferro. O eu total opera dentro desse contexto.

“A pessoa” - prossegue (p. 147) - “é apenas uma projeção do overself como uma figura onírica é a projeção da mente daquele que sonha. Não passa de uma criatura dependente que se esqueceu de suas origens e imagina agora ser o eu real.”

Daí porque, somente após entender e superar essa fase de auto ilusão, poderemos alcançar a realidade que se situa atrás da personalidade, até atingir a um ponto de otimização na trajetória evolutiva, na qual não há mais o observado - personalidade - e o observador - individualidade, mas o ser total, consciente de sua integração e interação com a consciência cósmica. Esse estágio, contudo, somente é atingido quando se dá “a passagem de nossa personalidade inferior para a nossa mais elevada individualidade” (p.183). Por isso acha Brunton que a pergunta não é onde estaremos após a morte (do corpo físico), mas o que seremos após essa morte (p. 159), mesmo porque o overself tem a vida em si mesmo; não precisa, como o corpo físico no qual a personalidade atua, retirar sua sustentação dos elementos do mundo material.

“Consequentemente” - acrescenta Brunton (p. 193) - “o corpo tem de devolver, com a morte, tudo o que recebeu, mas o Overself ao qual nada se acrescentou, nada tem a restituir. Não pode deixar de ser imortal, de vez que é parte da mente universal.”

E de lamentar-se que esses conceitos fundamentais ao correto entendimento dos mecanismos da vida, tenham sido empurrados para a marginalidade, como se inatingíveis ou, pior, indesejáveis, a fim de que a personalidade, retida nas malhas biológicas do corpo físico mergulhe de cabeça, corpo e alma, numa espécie de consciência inconsciente. Esta é, pelo menos, uma consciência esquecida de si mesma e da melhor parte de si que se encontra do outro lado da realidade espiritual e, no entanto, ali, tão perto, com suas tomadas implantadas no hemisfério direito.

Leio, pois, com muita satisfação em Brunton, algo que tenho repetido insistentemente aqui e alhures, em outros escritos, ou seja, a desastrosa sufocação da doutrina gnóstica pelos formuladores do modelo de cristianismo que nos chegou por herança. Brunton é ainda mais enfático, ao atribuir a esse histórico desajuste a forte conotação de “calamidade” (p. 287). Para ele, o universo é coisa “viva e mental”, conceito que reitera mais adiante (p. 307).

Mais que isso, é também consciente, e nem poderia deixar de sê-lo, de vez que é pensamento de Deus, tanto quanto a criatura humana é a “individualização” desse princípio universal inteligente. Mais que isso, ainda, nada existe senão em Deus, cada galáxia e cada átomo. Daí porque Brunton, e o dr. Gustave Geley consideram a vida um contínuo processo de expansão da consciência (p. 308), uma progressiva conscientização. Eis por que Brunton conta com a vitória final do que identifica como “as forças do Bem”(p. 456).

Há um plano geral por trás do universo - escreve. Podemos aninhar nossas pequenas vidas

mansamente nele e encontrar, se o desejarmos, uma felicidade digna de ser vivenciada, ou podemos nos opor ao plano e sofrer inexoráveis consequências. Isto vale tanto para os indivíduos como para os povos. Mas o espírito redentor do plano é imbatível.

Por isso, não é nada inteligente chocar-se com ela. Sempre que o fizemos, atritando com a lei divina em nós, o plano de que fala Brunton apresenta-nos uma conta expressa na moeda do sofrimento. De que outra forma iríamos aprender a respeitar a ordem cósmica, se não nos convenceremos de que a trombada com ela dói? Claro que fica a alternativa imensamente mais nobre do amor, mas este também exige aprendizado. E prática! Especificamente sobre o consciente chegou o momento de a gente conversar. Veremos isso a seguir.

VADE MECUM ESPÍRITA - Autismo